

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Ano 4.º

DIRECTOR — Henrique Videira e Melo

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 4 de Dezembro de 1915

Propriedade do Grémio A REVOLTA

Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR — SILVA RAPOSO

N.º 54

EXPEDIENTE

A todas as pessoas a quem enviamos «A Revolta» e que a não queiram assinar, pedimos, o favor de no-la devolverem na volta do correio. Mais pedimos a aqueles que sofram qualquer irregularidade, o favor de no-lo participarem, afim de esta Administração tomar imediatamente as providências necessárias.

De jornada

Quem somos? Quais os nossos fins? Quais os meios? Eis a essência duma apresentação. Vamos responder.

Somos a mocidade. Em abril desabrocham as rosas. Os vinte anos são a quadra do arrebatamento, das desassombradas e generosas tempestades da aspiração desinteressada e nobre. É a estação das flores. Sinónimos de juventude: — Revolução, Paixão, Vida, Amor. Convem não baralhar... Estas palavras andam por aí falsificadas, infectadas de mormo, servindo de rótulo a tizanas de jalapa, agua benta e mixordias diversas de procedência duvidosa.

Revolução... é lá uma rópia de régatesca pimponice, quatro maricas duma fidalguia de lepes á frente de seis reverentes fralheiros, de corneta de barro na beija e trazeiro acavaliado em rabo de vassoura e estaca, escangalhando as gambias e os intestinos ante o primeiro cacete formiga que vá de estoirar-lhes no lombo.

Revolução, para os delambidos ganimedés, é disparar em tremelicos apavorantes de maleitas, um tiritó às nuvens pelo buraco da telha; é encafiar as guelras por um chiqueiro abaixo, esgançando um vivita lambisgoia á monarquia e ao Bispo de Beja.

É uma Revolução nas tripas de papel na unha e esfurrimento roncudo, uma heroicidade de peçoço boleirudo e meneado que desafia a morte escrevendo nas retretes: «Viva D. Manuel! Morra Afonso Costa!...» Revolução tomam-na eles num sentido que, para uzo de pessoas, quere dizer: impertinencia, biquinho, escamação, morrinha.

Paixão... é lá uma inclinação, um afecto, um ron-ron, um rebolar de aguadilhas e deliquios, um inclinar pela sopeira da esquina, e, na maor parte deles pelo entalhe impuro do labio estonado, ou pelo perfeito saudoso e queridinho que lhe amaciava com abaular de manápolas, o travesseiro e as mantas nas saudosas noites de ventada agreste no collegio... — ai! adeus! acabaram-se os dias!... Paixão... significa pois pelos cambios de lá, uranismo, snobismo, donjuanismo, pedrastia, deboche.

Vida... é o crescimento de fungo de altar e adro de igreja, um dogma dentro duma cabaça de serração da velha, olhos nariz e boca de papel de

cor, por onde espreita á luz tenuíssima dum cotinho de vela de sebo. Vida é esse apodrecimento melfico de bigorilhas almiscarados, esfregando as cocegas pelos confissionários, esmoncando-se ateleticamente, segredinhos piegas de assobio galante, os joelhos pelas esteiras da capela, farejando a tonsura de padrecas e impiando a marmita intrighuda de trastes e caroços que se chamam Dia, Nação e Pai. Traduzindo em portuguez corrente, Vida significa: lorpice, sacristismo alvar, beatismo, distincção e carnaval.

Amor... é a valsa Amor de Mãe, horror aos beijos da mesma; é a afinidade com o Sacratissimo Coração de Maria e de Jesus, com o Martir de Marrocos, uma piolice de sino, hostia e escapulario, missinha ao domingo e catrapisco borritas ás loiras anemizadas, um fraco, uma ternura, uma aquela pinguinha por uma ninfomania, que, fugida dum convento para um trono, empalideceu com a sua coragem as ondas da Ericeira na madrugada de Cinco d'Outubro... — era D. Manuel.

Um rôt de apatvalhados mancebos ailarilas, padrecas de carreira interrompida, victimas duma educação fradesca, privilegiados, com boubinhas nos seus interesses, atolam-se nesse charco com muito e bem cabido orgulho.

A mocidade é para eles esse nabo fanado, guisado no panelão eucharístico e por baixo a labareda de ceras bentas, aticadas por latinorios e cartillice farfalhuda, grunhidos por bocas de masmarros e mariposas de sacristia.

Não baralhemos, pois. Vinte anos dizem Revolução, Paixão, Vida e Amor em peitos sãos. Aos vinte anos arde-se, não se apodrece. A juventude é uma fornalha: ha luz nos olhos, no coração, ha sangue, força e vontade! É-se anarquista ante uma Republica triunfante e republicano ante uma Republica ameaçada. Ha mais perigo numa cruz alçada que numa bomba; é mais temivel uma igreja que um covil. Na cruz e na igreja ha a cobardia, a hipocrisia, o eterno bandido na capa dum santo. O santo na capa do anarquista é humano. Aquele comete o crime em nome de Deuses; difama, queima, tortura, enfoca, deshonra, corrumpo, para maior gloria dum espantalho. Este, não: traça capa do anarquista para que o alvejem: é o despreendimento da vida e da liberdade propria em sacrificio da Liberdade e do bem estar alheio. Vinte anos são essa fornalha: o passado vem ai aquecer-se; para o porvir é um farol.

Somos nós. Trazemos na mão a espada dum velho lutador, e, no peito, a dignidade e o entusiasmo bastante para não nos deixarmos afrontar por garraios podriquieiros. Abater garraios é o nosso fim; meios: a espada. Guardem lá os assobios ou os aplausos para o fim da corrida. Este é o programa. É curto. Diz-se em trez palavras. O raio dura pouco. Agora a musica. Um ordinario gaiteiro. Seguem-se as corteziás, com ladeamentos fidalgos a cheirar a guerra. Saudamos a imprensa republicana, e ás gerações que se bateram neste reducto. Salvé! E vós, ó Patria, ó Re-

publica! que vieste libertar um povo duma cambada miseravel de ladrões e jesuitas! — contai com a dedicacão de vossos filhos que vos saberão honrar e defender. No meio desta penéirice de leitores do Dia e rapadinhos papa-missas, existe ainda um punhado de lirios para desfolhar sobre a bandeira de Portugal, e dois ferros curtos para cravar em traidores. Marchar! A jornada é longa. Marchar para o Progresso quer um himo de guerra. Cantemos! O canto solidarisa e encoraja. Cada homem sabe dois hinos: o da Patria e o do Mundo. Este é um himo singelo, uma canção alegre de desfolhadas: chama-se Internacional. E' reanimador atravessar nos vãos da fantasia o universo desguarnecido de fronteiras e baionetas e religiões, assegurada a cada homem uma parcela de felicidade, abrindo-se-lhe de par-em-par esse jardim encantado ha sessenta seculos de injusticia e privilegio, de furores e altares, em que a sciencia e a liberdade foram o caminho que conduzia ao exilio e á fogueira!... Cantemos a Portugueseza! que os paizes se passam ainda á baioneta!

«A's armas! A's armas! Sobre a terra e sobre o mar!»

Cantemos! Rezeimos o himo da Patria e da Republica, que ainda ha estrangeiros e clericais, e partidarios dessa monarchia canalha e pandilha, amando o retrocesso coirapatão, de tenazes arreganhadas ante o brazeiro!

FERNANDO D'ARAÚJO.

MIUDEZAS

Habito hoje uma choupana humilde uma larga paisagem de seducões, o velho Mondego, lá em baixo, com os seus barquinhos á vela, adorando os campos de D. Inez, onde vislumbra ainda n'um crepusculo de emoções, o matiz com que os dedos do maior poeta bordaram o episodio sentido d'um povo d'heróis.

O Mondego carpe não sei que maguas secretas, lamentos duma harpa num templo antigo. O coração absorve esse filtro enebriante. Os olhos deliciam-se em afagos sensuais. Os olhos velam-se numa prece. O coração delira, fundidos os labios nesse beijo petrificado que se espraia nos horizontes, numa saturnal pantheista. Anatureza exhibe a cada hora originais surpresendentes e delicados, num scenario imutavel que embala como um fado, balbuciando, n'uma eterna harmonia, a nostalgia das gerações. Esta a minha choupana. Nas paredes deterioradas ha vestigios duma fera: passou por aqui, sabem quem? — a Igreja. As mãosinhas d'um innocente deixaram escritas á beira da minha cama, em linhas tortuosas, uma quadra impressionante. Diz assim: —

Branca foi bonita menina
Linda como os amores
Peço a Deus que mande rosas
Porá por aos pés de Nosso Senhor.

Monstró! ó fera execravel que envenenas o universo, estiolando flores! A humanidade que te deve? — fogueiras, deformidades, perseguições, ter-

Célebres... de borla



No Golgotha

Victima de demagogos
Nuna Republica cerval
Eis aqui o pobre mariele
Domingos Feres e Tal.

Como Jesus, innocente,
Não tramou contra ninguém,
E o Herodes do Presidente,
Crucificou-o, tambem.

Num Calvario, entre ladrões!
E, para maior bingança,
Deu-lhe uma esponja com fel
Espetada numa lança.

E sobre a fronte divina,
Como os torpes fariseus,
Escreveram a legenda:
«Domingos Rei dos Judeus.»

Como Feres cheia a coragem,
Cristo, segunda edição,
«Pai: porque me abandonas?!»
— Recitou do coração.

E Deus ouviu lá do alto
A doce voz coqueirista
E arredando uma nuvem
Que lhe interrompia a vista

Assim falou cá pra baixo:
— Algozes da innocencia!
— Chacals! O' genios do mal!
— Eu vos mendigo elemencia!

— Pra Jesus Feres e Tal,
— Meiguinho como as aves,
— Flores, veludos e armilhos,
— E conspiradores de Chaves...

— Que crime existe na tunica
— Que o cingo? Crada! Talvez...
— Fosse conspirador! Sim!
— Conspirador de entremeus...

Cunsumentum est. E' tarde.
Expirara. Deus fugiu...
E numa noite de luar
Tal Magdalena o viu.

A elevar-se no espaço...
Noli me Tangere! — dizia —
E leve como a nuvem,
Um sopro de Deus... subia!...

E sentado á mão direita
De Deus Padre Eternidade,
E' servidor do Estado,
Lento da Universidade...

rosos. Aleijas creanças porque te convenim imbecis, defunctos moveis, a suprema perfeição da tua moral. Pobre causa é aquela que faz a sua propaganda n'um meio infantil. És a mentira vil! Ao primeiro impeto, ha ainda o brilho, o sentimento que não manchaste. O fim é teu, velho canalha de bordel! facinoroso zagabundo, os teus dentes corroidos de mercurio, escoriações na pele! São as tuas garras dilacerando a alma do anjo, moldando-o aos teus desejos, tornando-o escravo e monstro, a esse anjo, que eu queria nos meus braços de atheu e homem perigoso, para mostrar-lhe o lindo espectáculo da natureza, a terra o horizonte...

Anjinho: voa! Não fales nesse Deus, nesse Cristo, que são ladrões da consciencia, talhados em pinheiro; são roncas; são coisas feias; indecencias... olha: tão lindo! a natureza! o rio! a montanha! o sol! E' o que ha! Deus é aquilo. Pede-lhe rosas, todas as flores para daves ao teu papá e á tua mamá que foram eles quem te deu a linda menina, a tua Bran-

quinha que morreu... O nosso templo é ali: cantar, bailar, sorri, meu anjo, que Deus está dentro de ti, e sentir o universo é rezar...

Dr. Mário José dos Santos

Concluiu brilhantemente a sua formatura em Direito na Universidade de Coimbra o nosso amigo Mario José dos Santos. Alem das muitas belas qualidades que o caracterizam, conhecemos-lhe as de em todos os momentos em que se tem tornado necessaria a congregação de esforços, Mario José dos Santos se ter posto abertamente ao lado da Republica, defendendo-a com o amor e com o entusiasmo que é proprio dum rapaz inteligente, sacrificando-se, sofrendo pela defesa da Liberdade para a qual nasceu e pela qual em todas as horas de perigo ele tem sabido expor-se e afirmar as suas convicções de velho republicano.

Que o futuro lhe abrihante a sua carreira e lhe conceda tantos premios quantos aqueles de que o julgamos digno.

Maldade

A greve dos alunos dos liceus ultimamente solucionada tem as suas razões na revolta bem legítima do estudante contra as prepotências do professor, quasi sempre perito e contumaz na perseguição.

Em Portugal o mestre não foi nem é ainda o amigo dedicado, o colaborador leal do estudante, e continua desdenhando os seus meritos e malsinando as suas atitudes. Onde havia de estar um amigo está um adversario atroz e protervo.

Mais do que do defeito organico do ensino, a decadencia da nossa instrução provem desta maneira de ser do professor. Não ha respeito nem se sabe amar este grande sacerdotio.

O professor dos nossos liceus é na sua quasi totalidade um individuo boçal que não pode criar o fundo moral do aluno. Junto dele a sua influencia é deploravel. Em vez de lhe estimular os sentimentos altivos, o professor corrompe-lhe o carater, torna-o servil e duma obediencia passiva. E ou o estudante se conforma ou se revoltou; e como não pode lutar vantajosamente com o mestre sofre todas as consequências das suas antipatias e do seu poder despotico.

Vem isto a propósito duma inqualificavel injustiça cometida por um professor do liceu desta cidade contra quatro alunos da 7.ª classe, ciências, que faziam exame duma disciplina em que haviam ficado esperados.

Em todos os liceus do paiz, só em casos muito excepcionais examinados nestas condições são reprovados.

A espera numa disciplina é como que um leve castigo imposto ao aluno que se apresentou mal ali quando em todas as outras mostrou que sabia. Obrigam-no a estudar durante as férias e nisto consiste a discordancia do examinador na classificação final do juiz.

Sobretudo neste liceu havia uma particular benevolencia nestes casos. E foi preciso que para ele viesse um ex-professor do Porto, Ribeiro Nobre, autor de varios compendios plagiados de expositores francezes, para que tal vilania se cometesse.

Fomos alunos deste liceu e conhecemos os professores que o illustram e que por certo foram os primeiros a reprovar o ato deste seu colega.

Estas reprovações representam uma brutalidade só propria de quem nos tempos do franquismo fez com que fossem castigados quasi todos os alunos do liceu Victoria, do Porto; de quem levou um estudante militar a sofrer trinta e sete dias de prisão por ser republicano e obrigava as pessoas que entravam no seu gabinete a genuflectir, reverente ante o retrato de D. Carlos e de João Franco.

E hoje esta camaleão, este pantomineiro audaz encontra-se nas fileiras democraticas como se fora um republicano de épocas de martirio e sacrificio.

Nos liceus tambem entrou a politica daninha e corrutora: os professores dependem muito dos influentes politicos e reprovam por sectarismo odioso ou então para os obrigar a contrair com eles deficiencias e favores.

O estudante já não se recomenda porque precise da protecção do mestre, mas porque o empenho é hoje um ato de boa educação e os professores até se chegam a melindrar quando o aluno não vai recomendar.

Esta revoltante patifaria do professor Ribeiro Nobre estava para ser esclarecida por uma sindicancia, que os jornais já tinham dado como ordenada e dito o nome do sindicante, mas que não se chega a efetivar não sabemos porque estranhos motivos.

Para prestigio do liceu José Falcão e dignidade do seu corpo docente urge que esta sindicancia se faça e ao sr. dr. Silvio Pélico incumba o dever, que por certo saberá cumprir, de instar junto do Ministro da Instrução para que ella se

realize a fim de justiça ser feita a quem a merece.

Para muita gente já é exequito que não tenha sido o proprio professor visado o primeiro a exigir a realização da sindicancia.

Mas isto era uma attitude que só podia ser assumida por um homem de bem e não por uma criatura mesquinha e rancorosa que os liceus repelem.

Pois nós é que não largaremos mão deste assunto sem que um rigoroso inquerito venha provar de que lado está a razão e a justiça.

A. LUCIO VIDAL.

N. R. Deixámos á apreciação do publico este artigo do nosso amigo Lucio Vidal mas, como presamos, acima de tudo, a verdade, não podemos deixar de colocar á disposição do Sr. Ribeiro Nobre as columnas do nosso jornal, para que elle se defenda das acusações que lhe são feitas, se entender dever defender-se, e para que este assunto fique suficientemente esclarecido de forma que o publico possa saber de que lado está a razão.

«O Bispo» por José Augusto de Castro

O proximo numero d'A Revolta publicará uma apreciação do Bispo, um livro de combate mais ardente que se tem escrito nos ultimos tempos, devido á pena brilhante do atico e arrebatado jornalista português, José Augusto de Castro.

Essa apreciação é firmada pelo nosso colaborador, Fernando de Aranjó.

CUMPRIMENTANDO

Valerosos rapazes:

Eu, Lucifer, antigo Lusbel, anjo primacial na corte de Ieová, unico detido de faculdades nobres entre os celicolas que foram antes do advento dos tempos; eu que, pela minha rebeldia contra as tiranias do dito Ieová, dei occasião a que elle creasse o mundo e no mundo os homens para substituir com o gregado passivo destes o imperio angelical que eu lhe havia arrebatado; eu que, creados os homens, metamorfoseando-me em suggestiva serpente d'olhos em fogo e azas potantes, vim ao pretense Paraiso transformar esses animais cães em animais homens e em homens deuses; eu, que, nesse momento, a golpes de verdade e de justiça, fermei no cerebro dos vossos venerandos avós, o grande potencia! de energias que haviam de vir fazer a mais brilhante e retumbante eclosão através dos tempos, até arrebatá-lo ao fogo ao Olimpo; eu, Lucifer, o aguilhoador da Inteligencia, e o guardião implacavel da Bondade e da Justiça, que, através dos milénios da vossa existencia tenho estado em varias metamorfoses, ao vosso lado para vos prevenir contra os sabujos que o autor da tirania, numa teimosia de maldade senil, a peor das maldades, vem soltando e aculando aos homens espiritos, aos homens-homens: eu rejubilo pela vossa decisão, ao congratulo-me convosco pela vossa vontade de gente moça, e abraçando-vos pela heroicidade com que vindes enfileirar-vos no vosso posto, ocupar o terreno que a geração passada já occupou com entusiasmo, com valentia e galharda beleza, entendo dizer-vos o seguinte:

Resuscitais a Revolta, é bom, é imprescindivel; mas a Revolta foi esse baluarte que, cumpriu o seu dever indefectivelmente, com brilho e com altiveza: era justiceira e era correcta.

Para que uma fortaleza possa ser eficaz não é bastante que esteja apercebida com armamento aperfeiçoado e com abundancia de munições; é indispensavel, mas não é tudo: carece de estar imunizada ao ataque dos assaltantes, carece tanto de estar preparada para a defeza como para o ataque.

O baluarte que erigiu é, sobretudo, um baluarte moral, é a Imprensa porta-vós da consciencia: a vossa couraça, os fossos que não de circundar a vossa fortaleza, tem

que ser inexpugnaveis: isto é, careceis de manter a mais intangivel integridade moral, como homens, como cidadãos e como rapazes e rapazes estudantes.

Cerebro apercebido, consciencia cristalina, vontade intemerata, intenções puras, corações levantados: eia, avante!

Para existir basta resistir; para viver urge lutar, vencer e assimilar.

Empunhai o labaro da Verdade, tomai nas vossas mãos fortes de rapazes e azorruque da Justiça; derramai a flux pela vossa obra as luminosidades purissimas da vossa juventude imaculada e... Avante!

Eis o que, por hoje, vos tem a dizer o velho companheiro da liza, o indomito

LUCIFER.

A' garrócha

Sintomático

Os jornais de terça feira tiveram uma enorme procura. Isto foi motivado pela recente organização do ministerio. Nós, que entramos numa tabacaria da baixa para comprarmos o nosso periodico, já não fomos servidos.

Exgotou-se — responderam á nossa moeda de centavo — Hoje até os estudantes compraram!...

Recolhemos a nossa moeda que, por sinal, era do tempo de D. Luiz I, e fomos-nos, scismando naquella até. Hoje até o Juiz, até os Lentos, até os estudantes, até tudo, até a lei do afastado!... olha, meu rapaz, — viva o até! — e quando voltares a fazer o teu negocio, não te esqueças do ultimo numero que é para um freguez com direitos.

Uma descoberta

Na aula de processo do dia 27 o esperto e nada óco José Alberto, falando sobre a autonomia do poder judicial, pede licença para revelar aos seus alunos uma notavel descoberta, destinada a um giro retumbante na imprensa juridica.

— E afinal, meus senhores — ainda que a lei consigne a autonomia do poder judicial, não ha tal autonomia! honra e... autonomia é tudo trêta!

Tanto o juiz não é autonomo que, quando se trata duma nomeação ou duma transferencia, elle está submetido ao poder executivo. O homem estava anarquista, como todos os diabos, e suava por todos os porinhos...

Vai o gaiato do litigante chicaneiro, introduzindo a sua cabeça, diz:

— O Zé: — então tu ajuda acreditadas nos direitos de nascimento? que um juiz nascam com uma toga sobre a pele, podendo passear, gosar, e transferir-se sem dar satisfações a ninguém? O Zé! Tem lá cautela com essas manifestações! que livre só havia uma coisa, uma aragem, um ruído, que já nem hoje é livre, pois está submetida aos regulamentos da policia! Tem cautela Zé!...

Fôra da circulação

O sr. dr. Pinto Coelho, outro marlete da Republica que a lei do afastado deixou escapar, apesar das suas notaveis barbatanas de peixe cabeça de gato, pretendendo impingir aos seus alunos, na aula de Direito Commercial das 10 e um quarto de terça feira, uma moeda safada que um Decreto da Republica poz fôra da circulação.

A moedinha ainda chegou a tilinter em cima do balcão, mas as cabeças da rapaziada republicana tiveram um trejeito de desdem pela tentativa do vigarista.

— Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes — disse S. Eminencia.

Real, agora, — ó cavalheiro! — só o papagaio!

Meta o Real... no bolso e não seja talassa!...

Facundia!

Na Universidade ha boas cabeças. Se alguém me contesta, mandolhe o cartão de desafio!

Alí pensa-se muito e obra-se ainda mais, e não pensem que me irritam

se lhes sofiçarem os actos... Pensa-se e obra-se — repito solenemente. Ha dias, quando um rapaz entrava na aula com uma bengalinha na mão, observa o archeiro: — não entra; a bengala está submetida a legislação fiscal! Ao outro dia caía uma chuva torrencial. O mesmo rapaz, levava um guarda-chuva. Ao encarar o archeiro, perguntou humildemente: — «Tambem ha legislação especial para isto?». Ao outro dia, que era, por sinal, um dia sem sol nem chuva, mas um dia de nevoeiro, o rapaz, ao encarar o archeiro, tirou do bolso das calças uma arma de S. Francisco, e perguntou: — e isto? As duvidas começaram de surgir.

Reuniu a toda a pressa o conselho, com radiogramas para todo o mundo universitario.

Foi resolvido o seguinte: «Em virtude da môsa, a bengala fica de fôra porque é dura; lá a arma de S. Francisco e o guarda-chuva podem entrar, porque se completam no seu exercicio...»

Queredo!

Ha dias, numa aula de comercial, o lente ditava uma hipotese, em que «havia um certo agricultor que vendia a um moleiro certa quantidade de moios de pão. Mais tarde, o moleiro, querendo pagar... etc.»

Olhei para o lado e vi num caderno de apontamentos: onze mollos de pão.

Foi lapso, refleti. No decorrer da anotação, o rapaz hesitou. Olhei. Estava á brocha, rabiscando ora um q. ora um c. para escrever a palavra querendo.

Queredo! — monologámos — sempre aqui anda cada opperario! Isto de operario é uma inovação filologica dum colega, que, tendo horror ao sindicalismo, causticava essa classe com tintura reforçada!...

Dr. Emilio Martins

Anunciamos com todo o prazer a boa nova de que o nosso jornal publicará no seu proximo numero um belo trabalho deste primoroso e dedicado caricaturista, atravez de cuja arte se sente palpitar em estremecimentos de revolta, a alma d'um combatente illuminado. Emilio Martins, deixou bem firmado o seu talento e fé revolucionaria, a quando da sua passagem por esta cidade, onde dirigiu com valentia e brilho inextinguivel, o nosso baluarte: A Revolta.

E', pois, com toda a anciedade, que aguardamos o seu trabalho, sem duvida destinado a um grande successo.

A REVOLTA

Vende-se na alta, na Casa Feliz, na Baixa nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade.

Fatos e comentarios

Quem te conhecer...

Passeava em Coimbra as ruas da cidade, rãpas ao vento, bota cambada, desageitadamente enroupado de velha capa e batina.

Apóstolo da Nova Ideia, pregava a subversão social e a recomposição radical e completa deste mundo velho cheio de prejuizos e de miséria. Mas, como esta vida são dois dias e o espirito humano muito complexo, ei-lo a evolucionar para a burguezia de cartola e bota burnida. Republica, ordem, conservantismo são as suas palavras. Mas uma Republica sem competencias, sem salões, sem curvaturas de espinha é coisa reles para quem o destino marcou altas esferas. Vede-o agora apumado, cheio de garbo e fervor na defeza da perpetuamente falida casa de Bragança.

Ficará por aqui? Não sabemos. Mas se o virmos de barraca armada e de sineta na mão a impingir ao povo o milagroso balsamo turco, insensivelmente comentaremos:

— E' mais rendosa a vida de charlatão de feira que a de defensor de causas perdidas.

Porta ferrea

Como toda a gente sabe, a porta ferrea, pela sua publicidade, tem sido um logar utilizado na afixação de editais que respeitam aos servicos universitarios. Por uma tolerancia consuetudinaria, a rapaziada serve-se tambem desse logar, para afixação de editais respeitantes ás suas questões particulares. Esse costume, como todos os actos humanos, encontra-se confinado dentro de limites que comportam a decencia e o respeito, condição imprescindivel da ordem e da disciplina.

A porta ferrea, porem, está-se metamorfoseando numa cavalariça, onde a talassaria vai espoujar os seus odios politicos e religiosos, enojando os transeuntes. E lamentavel que a Universidade consinta esse estendal de porcarias, deixando degenerar a porta ferrea em es-carradeira e sargeta.

Conflicto

Não se trata de casos de rua ou brigas domesticas nem tão pouco da guerra europeia. Nada disso. Diz o sr. José Alberto dos Reis: «Da discussão nasce a luz». O sr. J. Alberto repete, não cria; fonografar não inventa. No entanto, cremos que é sua opinião, a opinião dos outros que perfilha. Diz mais o sr. José Alberto dos Reis: «Muitos veem mais que um só». Diz, repetimos, sinonimo de repete, secunda concorda, abunda.

Pois bem: agora o conflicto: «Da discussão nasce a treva». Tolstoi. Uma opinião quanto mais universal, mais estúpida: diz Faure. Alam disto, o sr. José Alberto veio refutar a psicologia das multidões do sr. S. Le Brom, que nos merece todo o credito... Amigos, amigos, mas... asneiras á parte. Contudo, afirmamos, não deixa por isso ser um dos mais illustres professores da Universidade.

Novo governo

Ha poucos dias, e após uma crise de curta duração, organisou-se novo governo, constituído da seguinte forma:

- Presidencia e finanças, dr. Afonso Costa.
- Interior, dr. Almeida Ribeiro.
- Justiça, dr. Catanho de Menezes.
- Guerra, major Norton de Matos.
- Estrangeiros, dr. Augusto Soares.
- Fomento, Antonio Maria da Silva.
- Colonias, Rodrigues Gaspar.
- Instrução, Ferreira de Simas.

A Revolta, que deve o seu reaparecimento á ideia dominante de lutar acérrima e tenazmente pela Pátria e pela Republica, saúda os novos ministros já experimentados na governação publica e faz votos sinceros por que a sua acção se exerça no sentido de elevar mais a grandeza de Portugal e tornar mais querida a bandeira da Republica.

Questões academicas

Os alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, reunidos em assembleia geral, deliberaram protestar energicamente contra o decreto que permite a matricula na mesma Faculdade a individuos com o simples curso das Escolas Normais, já pelo agravo que lhes é infligido com a equiparação do 3.º ano das Escolas Normais ao 7.º ano dos Liceus, já porque tal medida lhes vem cercar direitos adquiridos para o magistério das Escolas Primarias Superiores.

Outrosim, resolveram protestar veementemente contra a pretensão que os professores primarios estão apresentando de só eles serem chamados a preencher os quadros das Escolas Normais Primarias, com absoluto detrimento dos bachareis em Letras.

Assentaram ainda em exigir o cumprimento da lei que expressamente estabelece em julho a 1.ª época de exames, ficando a 2.ª época para outubro; e ainda o regimen das faltas que veio falsificar o dos cursos livres sob que se matricularam na Universidade pela revogação dos art. 18.º e 19.º da lei n.º 223.

SECÇÃO LITERÁRIA

DOBRE A FIEIS

As bravas ondas venturando á sorte
Dentre meu coração o mar prelenda:
Mar das Indias! Perigos d'água! A morte
Li onda a onda em tragica Legenda.

Maritimo e poeta
Meus olhos trago em maresia inquieta,
Português! son maior quando me foge a terra.

Sou um Lobo-do-Mar, porisso tento a guerra!

Oh! praias do Ocidente! Entre hostes medievas
Vejo o oiro a a cór em degradedas levas
E olho dentro de mim todo o ceu que nos cobre...

Eis o meu crepe! oh Patria! Eis o teu dobre.

Guerra, tremuras, frio, ha pobres sem esmola,
Postigos entreabrindo á luz da Lua Cheia,
E o povo é sempre um cego cantando á viola.

— Lá fóra a noite é um canto da Odisseia...

Quem vem, eh lá! Mãos perfidas de crime
Não podem com minh'alma em sua febre inquieta!
Oh povo evocador vibrando como um vime,
Scu consule do Mar, e sou o teu Poeta.

Patria do meu Amór, não tem poder a Morte,
Portugal! Portugal! sou a tua alma estranha!
Eh! lá! Eh! lá! ondas do Mar do Norte!
Cuidado no oceano, oh frotas da Alemanha!

Novembro de 1915.

AFONSO DUARTE.

O jesuita

O estudante de hoje, afirmo-o categoricamente, pois refiro-me a uma maioria esmagadora, é uma criatura, alem de inútil, prejudicial ao desenvolvimento da civilização e, por consequencia, aos destinos da Patria que, mais tarde, no futuro, tem que, fatalmente, ser-lhe confiada.

O futuro, ninguém o ignora, depende dessa turba de seros que tem o cerebro amolachado por ideias retrógradas, se é que de ideias alguma vez foram suscetíveis, pois é crível que no lugar em que devia existir simplesmente a massa encefalica, se encontre antes uma massa com que os oleiros fazem panelas, ou qualquer substancia semelhante áquela com que o velho Virgilio fertilizava os campos. Isto não é de qualquer sorte pretender amesquinhar uma classe a que tambem pertence; é demonstrar mais uma vez que preso acima de tudo a Verdade e que, nestes tempos em que é perigoso em extremo o ser-se sincero, eu atrevo-me, com o risco de amanhã sofrer as chufas de meio mundo, a afirmar aquilo que intimamente sinto e que deve, a todo o custo, chegar ao conhecimento desses que, amanhã, hão-de ser os timoneiros de um grande barco prestes a naufragar.

O estudante de hoje, depois de uns anos de universidade, encontra-se habilitado, em virtude da leitura que fez gananciosamente da sêbenta, a afirmar que, entre Republica e Monarquia, a diferença é que naquela existe um chefe eleito e nesta um vitalicio e hereditario; encontra-se habilitado a dizer que ha fontes de Direito, presumindo ter a noção do que isso efectivamente seja; e encontra-se habilitado ainda a concluir que houve um qualquer Rümelin, que, contando 63 definições de Estatistica, não resistiu á tentação de acrescentar uma outra. Mas o que o estudante de hoje não sabe, e se o sabe oculta-o, é que existe na sociedade um elemento perigoso a que é necessario abrir-se guerra em todos os campos, uma guerra de extermínio, uma guerra sem treguas, uma guerra de desespero. Esse elemento é o jesuita, é o veneno que se infiltra nas sociedades e que só triunfa quando as arruina. E o seu plano de ataque, forçoso é reconhecê-lo, é habil, é

astucioso, é absolutamente impercívvel aos olhos dos menos cautos. O jesuita tem uma tática forte, é inteligente, mas a inteligencia dá-lhe para o crime. Ora, para se lhe abrir uma guerra com esperanças de victoria, é necessario, é imprescindível conhecer os seus manejos, todas as formas dos seus planos de ataque para as combater a cada uma de per si.

O jesuita procura assenhorear-se de todas forças vivas e, é assim, que ele, primeiro, domina a mulher para esta, por sua vez, dominar a criança que mais tarde há de ser homem. Mas a sua obra aqui não cristaliza; o jesuita vai inclusivamente aos campos de batalha fazer as suas preleções e inicia demarches perante os governantes.

Ataca a sociedade em todas as suas manifestações de vida e a sua acção é mais pernicioso que o alcool e que a sífilis. Estes arruinam corpos; o jesuita mutila cerebros. E' necessario, pois, começar-se o nosso ataque com violencia nas suas pisadas. Começaremos, não por dominar a mulher, mas sim liberta-la, a nossa obra é de libertação, torna-la senhora de si, absolutamente independente e livre porque, só assim, ela poderá, como mãe, preparar os espiritos das crianças para receberem uma educação que, no futuro, as torne criaturas uteis á Humanidade.

Mas não é só a educação de mãe que prepara os homens do futuro, é necessario que levemos a nossa acção ás escolas e que á frente delas se coloquem criaturas inteligentes e que ofereçam garantias á Liberdade, pois é dessas criaturas, essencialmente, que dependem, os nossos destinos. É necessario que sigamos o jesuita em todas as suas passadas, junto da mulher, da criança, do soldado e do homem de governo; abrir-lhe guerra pela propaganda intensa das nossas ideias, mas se a propaganda não for eficaz, abramos-lhe uma guerra de vida ou de morte em que, á falta de balas, se empreguem unhas e dentes, guerra de extermínio, guerra sem treguas, guerra de desespero, porque, positivamente, é mais nobre perecer-se no campo da batalha em luta pela Liberdade do que viver-se num meio em que o jesuita domina.

Dezembro, 1915

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

Filologia de algebeira

Antelóquio

Talvez nunca reparassem que o ser-se filólogo é a situação mais desgraçada deste mundo!...

Pois é fácil de ver: há em Portugal meia dúzia, se tanto, de profissionais que se destinem a endireitar os desmanchos lingüísticos de cinco milhóis de... paltradores. Toda a gente que precise de consultar um advogado, um médico, um alveitar, etc., sabe de antemão ir prevenida daquilo com que se compram os melões; mas, quando a consulta é feita a um mestre de linguas, então o caso muda de figura, — como se éle visse apenas da água limpa das fontes e do pão que desce do céu.

Depois, todos se julgam no direito de o importunar, onde quere que o surpreendam, — na rua ou na praça pública, no café ou no teatro, em casa ou na imprensa...

Triste sina a do filólogo!... Por tais razões convém declarar que o sinatário destas linhas, não alimentando pretensões a profissional, está contudo disposto a trabalhar, mas fazendo lembrar aos massadores clientes o velho principio — dignus est operarius mercede sua...

1) Nevrose ou Neurose? — Objecta-me daqui um quintanista de medicina, habituado como está — diz éle — a ver nos seus cartimpácios palavras como a-neur-isma, neur-astenia, etc., que lhe parece que os modernos renascentistas botam asneira quando falam de nevroses artisticas...

Tem razão o meu caro amigo: O grego *neuros* χ *suí*, -*is* dá *neurosis*, donde *nevrose*, que é forma já aporluguesada.

A par disto, temos *nevrosio*, *nevrosismo*, etc., mas estas formas vem do t. lat. *nerp.* — (de *nerua*, -*i*), e ninguém se lembra ainda de dizer *nevrosio*, *nevrosismo*, etc., porque tais variantes seriam tam disparatadas como a forma *nevrose*...

2) Pécego, pecégo ou pêssego? — Não obstante ter-se já dito e redito que é *pêssego*, ainda um mestre escola ma vem agora perguntar, muito ingenuamente, qual a maneira de ortografar o delicioso fruto, que eu supponho importado da Pérsia.

O vocáb. lat. *persicu(m)* dá muito logicamente *pêssego*, por assimilação do *r*, ensurdecimento do *i* breve e abrandamento de *c*. Não podia mesmo dar outra coisa.

E quanto ao facto de, na sua aldeia, muita gente dizer *pecégo*, não deixa de ser curioso. Há assim muito casos, em que o povo, o eterno simplista e não menos incorrigivel fantasista, se mete a engendrar *étimos* a seu talante.

Aqui supões que *pêssego* equivalia a *pê* χ *cégo*, mas a gente é que não sabe o que seja esse *pê-cégo*, nem as semelhanças que éle possa ter com o lindo e saboroso fruto que a Pérsia nos legou...

C. M.

Sintomático

Os estudantes de Lisboa e da Provincia tem lutado conforme as suas forças para a realização das suas aspirações. É para nós sempre digno de todos os louvores a luta por um ideal, por uma causa, por um direito. Na academia de Coimbra, porém estes predicados faltam: não ha entusiasmo, a noção da dignidade é pouca e a vida desaparece. É assim que nós vemos os estudantes da Universidade de Coimbra amoldarem-se sem protestos energicos á albarda da Reforma dos Estatutos Universitarios que bem precisa ser demolida, não pedra a pedra, mas sim artigo por artigo, e contra a qual os interessados tem adotado o uso dos panos quentes, ficando radiantes logo que qualquer farçante governativo simule uma transformação na dita reforma que pareça aos dos mais idiotas uma garantia para os seus direitos se é que, por ineptia não

são coisas que lhes pertencem. Os estudantes de todo o paiz batem-se e lutam para conseguir o que quere; os estudantes de Coimbra, nada quere alom de fixar *faiscantes* convites escritos a dedo borrado, para comparecerem em mini-festações de simpatia ao mais crimonoso de todos os ditadores, que é sem duvida a sinistra figura do Cro Magnon e para se apresentarem em missas e sermoes por alma dos mais infames traidores á Patria. Isto é tudo quanto há de mais sintomático.

ANUNCIOS

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE
Tabacaria — Papelaria — Lotarias — Parfumarías

CENTRO DE PUBLICAÇÕES
Jornais — Ilustrações
Revistas nacionais
e estrangeiras

POSTAIS ILUSTRADOS
Lindas coleções em fantasia
e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Mineral-Medicinaes

Aguas ao copo
Deposito da Cevada do Cairo
Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17
Telefone n.º 559

Relojoaria Comercial

DE
Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

ATLANTIDA

Apareceu ultimamente no mercado esta brilhante revista em que colaboram, sem duvida, os melhores escritores portugueses e brasileiros.

É uma iniciativa digna de todos os nossos aplausos, como todas aquelas que se propõem difundir o gosto pelas artes, letras e sciencias. Em Coimbra é agente o nosso amigo Tomás Trindade.

AUGUSTO BAPTISTA e
JOAQUIM DE CAMPOS
AVOGADOS

Rua da Sofia, 15-17

FARMACIA DO CASTELO

Deposito de productos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Crema dentifricio.

Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras.

Instrumentos cirurgicos, etc.

IMPORTADORA TELEPHONE
n.º 350

Cipriano Leão & Comp.

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e hem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52
COIMBRA

ATELIER MODELO

sob a direcção de

Gertrudes Faustino

ROUPAS BRANCAS. PONTOS ABERTOS.
Rua Eduardo Coelho, n.º 96 — COIMBRA

SECÇÃO DE VESTIDOS PARA SENHORA.
SOB A GERENCIA E DIRECÇÃO DE

MADMOISELE ESTER EGREJA

Corte sistema francés. Modas e confecções.
Acabamento de perfeição impecavel. Esmerada confecção.

MODICIDADE DE PREÇOS

Grandes Armazens do Chiado

COIMBRA

Secções de Fanqueiro, lãs, sedas, mercador, confecções, roupas brancas para homens, senhoras e creanças, malhas de lã e algodão, calçado, luvaria, gravataria, camisaria, retrozeiro, louças, vidros, moveis de ferro e mobílias para salas de visitas, quartos e salas de jantar.

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva
pelo perfeito acabamento de qualquer mobilla.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUSITANA

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros,
Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a II — COIMBRA

As mais completas oficinas de marceneiro, polidor,
entalhador, forneiro, estofador e colchoeiro

MAGNÍFICO SORTIDO

de moveis de ferro e madeira, estofos,
colchoaria, oleados, tapetes, brise-
-bises, jutas, panos de mesa, etc.

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149

Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais
e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfectão rigorosa de todos
os utensilios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinaria comodidade

Empregados devidamente habilita-
dos, podendo dizer-se afoitamente que
tanto no paiz como no estrangeiro não
póde encontrar-se uma casa congénera,
que ofereça ao publico maior garantia
de limpeza, seriedade, aceio e con-
forto. * * * * *

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA

Pianos Gaveau * * *

Bicicletes B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Accessorios para tudo

Instrumentos musicos, musicas, etc.

Alugueis e vendas a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente das Companhias
de Seguros

Comercio e Industria

— Economia — Garantia —

— Seriedade —

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador

que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECIMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA — Rua Alves Roçadas

COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8

SOURE — Rua do Relogio

LOUZÃ — Rua do Comercio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritorio

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimaraes & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras,
luvas, gravatas, piugas e ou-
tros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões

e consignações

Correspondente de Companhias
de Navegação

Vende passagens em todas as classes
para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... 335

Estrangeiro... 470

Pagamento adiantado

Numero avulso... 402

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arro d'Alameda, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que
possue os mais mo-
dernos maquinismos,
movidos a vapor, está
pronta a executar to-
dos os trabalhos grá-
ficos, primando pela
perfeita impressão em
gravura e a cores

Trabalhos tipográficos
em todos os géneros

Impressão de revistas,
jornais, lições, cartões de
visita, envelopes, recibos,
facturas, diplomas, papel
timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

ANO 4.^o DIRECTOR — Henrique Videira e Melo
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 11 de Dezembro de 1915

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis N.º 55
EDITOR — SILVA RAPOSO

Noventa e tres

Durou cincuenta e sete seculos a infancia da Humanidade. *Oitenta e Nove*, esse deslumbramento, demarca a sua emancipação. Um jovem que pela primeira vez sinta na sua alma desabrochar o amor, é acometido de espanto.

A natureza descerra os seus encantos. Ha uma vida nova, um novo mundo, como se um tesouro desencantado.

O jovem delira. Seus primeiros passos nesse mundo fantastico de novas impressões são cambaleantes e desvairados. O fantasma do amor guia esses corações por temiveis escarpas empinadas sobre os abismos apocalipticos. Correria vertiginosa e sublime! uma audacia para cada perigo, pagando um tributo de violetas e aneiros, á tocante loucura da mocidade... Foi assim 89. Ha uma visão. O esplendor da Encyclopedia ilumina a giorno as cavernas do horisonte, recurtando em fulgores a silhueta do Futuro.

A França olhou. Ela encarnava a servidão de gleba do mundo inteiro, através os seculos. A magua recalçada de mil gerações, a grilhetta transmitida como herança de pais a filhos, incendiava-lhe o peito como um cancro. O escravo ergueu-se. Notou-se um homem. Olhou para traz e contemplou o passado: tristeza, abandono, consternação, uma boca esgazeadada a uivar miserias! Vivera como um cão; pior: como um burro; mais ainda: como um escravo! Admirou-se de ter mãos, cabeça, uma espinha vertical! A Encyclopedia pairava sobre a vida como um Sol. Não ha lucidez que resista aos grandes choques. As tempestades arrebataam. Esses milhões de braços ergueram-se ao alto. Um hino ingente como o panico de milhões de bocas escancaradas, sauda a aurora boreal da Liberdade nascente. Esses braços acordam fmeados nervosamente aos entelos das guilhotinas. A guilhotina é a propria boca da miseria antiga.

Vai falar ao mundo inteiro, vai ditar a Historia. As cabeças de Luiz XVI e Maria Antonieta são um monumento de oratoria! E ha quem veja neste facto, monstruosidade, violencia, crime, nada mais!

E' deshumano apoiar o sangue, bem sei! Hipocritas, covardes! — eis a nossa diferença. Ha ali a grandeza, a justiça, a epopeia da Liberdade, a Liberdade no seu periodo heroico. Piedade de monstros; abomino-te! Não sei chorar o assassinato de dois monarcas. Porque? Sabe-lo tu, jesuita? Sabe-lo tu, conservador imbecil?

— Sei-o eu. E' por bem pouco. Escuta: — tu não sabes chorar bilhões de escravos tirados a chicote, gemendo a sua litania comovente de miserias pustulares através os seculos!... E' pouco? E' imenso! Nem todos os reis do universo saldariam essa divida de sangue.

Depois, que grande lição! que impressionadora advertencia não representam essas duas cabeças cortadas, pingando sangue, dependuradas pelos cabelos no meio da Historia! E' um espectáculo forte, sem duvida, mas grandioso, mas perduravel e eterno.

Dai avante mais nenhum rei deixou de considerar *Aquele* que poderia fazer-lhe tanto.

O Povo fizera-se Rei. Mostrara a sua cabeça arrancando a dos tiranos.

Segue-se o delirio de 93. Vale o Evangelho. E' uma grande pagina da Humanidade. Condena-la, jesuita? Estremeces, burguez? Sim! houve sangue, muito sangue... 93 é um fratricidio. Tartufo! E porque não choras tu os martires da Inquisição? Porque? O numero é 100.000 vezes maior! O sangue da Revolução é um sangue inocente. Ha um paraiso que abre por uma catastrophe. E' o mal pelo bem. Nos subterraneos dos negros tribunais, no pótro, na pelé, nas puas, nos martirios da agua, na fogueira, nos torniquetes, nos burzeguins, no emparedamento, — tartufo! — matava-se em nome de Deus, cruz alçada, assassínios cobardes de impotencia esverdeada, do epiletismo fanatico, da degeneração dum catolicismo torve, elevado á paixão desenfreada da piqueu bérberé, um catolicismo africano, fetichismo, cristianismo, banditismo, tudo misturado na mente esbrazada e mistica duma raça ardente, ensarrada nos costumes da barbarie. E' o mal pelo mal, o crime pelo crime. Matar um homem para redimir o mundo é uma heroicidade, é uma justiça; queimar muitos homens em labaredas para engordar um Papa e engrandecer uma seita: eis aí o crime. E' diferente.

Mas, adiante... A grande Revolução demarca o advento da maior idade humana. O homem aparece então, pela primeira vez, discutindo a campo razão, os fundamentos da soberania e das religiões, passando todos os dogmas pelo laminador da consciencia e da razão. E' chegada, finalmente, ainda que duma forma indistincta e não raro profanada, a Liberdade Política que até aí havia constituido um passatempo de aristocracias cerradas e do clero.

A Liberdade Política, traz, como consequencia, a vida, puramente partidaria, ideia contra ideia, sistema contra sistema, desintegrando-se sucessivamente dum orgão central coercitivo e infiltrando-se na consciencia dos individuos, duma maneira espontanea e natural, a politica, a moral, a religião, que, outrora, juntamente com a justiça e a organização economica, constituíam uma só e unica entidade, impostas pelo arbitrio duma soberania ilegal. Eis aqui factos puramente historicos: Liberdade politica, partidos politicos, existe, porem, uma natureza essencial: constituem um fenomeno psicologico.

« Uma sociedade — diz Tarde — no seu desenvolvimento sucessivo não tende a semelhar-se a um organismo mas a um orgão especial que se chama cerebro, tornando-se cada vez mais, como se um grande cerebro colectivo, cujas celulas são formadas por pequenos cerebros individuais. Nesse grande cerebro á que se refere o filosofo desenrolam-se as infinitas e delicadas operações que tem logar no cerebro individual.

Ai tem logar o embate de ideias e sistemas, seleccionando-se o que é bom do que é mau, o que é util do que é prejudicial, caminhando-se indefinidamente na senda da Liberdade, o unico sentido da Historia, essa Liberdade que o jesuita, em vão pretende negar, para servir as intenções duma seita odiosa que mais tem contribuido para o mal estar humano. Os partidos politicos não são, pois, o resultado duma criação arbitraria, mas sim o condicionamento e organização de correntes espontaneas de opinião ou de instinto popular. São duas as condições essenciais para a constituição dum partido: corrente de opinião; plano de reformas sociais. Sem isto não ha partidos: ha coteries, seitas, classes, mercantilismo, agrupadas em torno de condotieris mais ou menos audaciosos, constituindo um grande perigo nacional.

A feição incolor desta gazeta coarta-me a liberdade de pensamento, coibindo-me na estrutura do seu plano combativo, de fazer apreciações directas sobre qualquer partido... Sou mudo. Adivinhem lá as conclusões radicalissimas a que eu seria levado nesta altura do meu pensamento... O tal cerebro colectivo indicou o partido democratico para a constituição do novo governo. Como encaro o problema pelo lado scientifico, abstenho-me de o interjeicionar com apellidos gloriosos e mais thuricremias louvaninhas. Ha enfim um go-

verno que quiz trabalhar, que quer trabalhar, e que se jurou animado dos mais patrioticos planos, para escarmento de politicantes arruaceiros e traidores. Essa atitude, a hora difficilima do país, reclamavam uma expectativa serena. Pois, não! *O Dia*, e outras rodilhas pangaiais, basofiam uma existencia efemera ao governo e á propria Republica, numa simplicidade encantadora de regateiras capazes de afirmar coisas respeitantes á astronomia... Não ha opposição honrada. Promete-se o impecilho sistematico, a fita derrubadora, sob pena de subverter-se uma Patria e um país.

« Se no homem — diz Celso Ferraris — a revolta contra o processo normal das leis que presidem á sua actividade mental constitue um sintoma de demencia, e é causa de inumeros danos, nas sociedades, uma tal discordancia, ou seja, uma acção politica não conforme a este determinismo natural, produz erros tão graves, que, num futuro mais ou menos proximo, prepara as maiores catastrofes. Catastrofes, sim! Meditai, pois, desordeiros de profissão! De todas as catastrofes nós preferimos uma segunda edição do 93! Sim! passar-vos a fio de espada num ermo longinquo para não empestardes com a putrefacção das vossas entranchas envenenadas! E' um saneamento que se impõe, vista a ineficacia da clemencia e do perdão!

FERNANDO D'ARAÚJO.

CARVALHO ARAÚJO

Para o proximo numero *A Revolta* publicará um artigo de illustre deputado Carvalho Araujo, primeiro tenente da Armada Portuguesa, e secretario do Ex.^{mo} Sr. Ministro das Colonias. Carvalho Araujo é sobejamente conhecido do publico pelos seus trabalhos jornalisticos e parlamentares, constituindo o seu artigo a melhor das apresentações que poderemos fazer.

MIUDEZAS

Num velho cartapacio de S. Cipriano, ou nos Segredos da Natureza, li eu um dia que os sarracenos haviam construido uma caverna monstruosa na alta da velha guão nobre cidade de Coimbra.

Era ahi, que, segundo as glosas dum erudito anonimo lançadas á margem duma folha bafenta e amarelada, o velho Hypocrates efectuava a coseitura de sapos eervas virtuosas, em retortas monumentais, dansando com satanz, um bailarico macabro por entre crispações terrificas de relampagos funerarios de polvoras enzoifradas, e rataruins adstringentes de pratalhadas campanudas. Ahi pernoitou o terrivel Almansor, aquando da sua marcha triunfal sobre a Galiza, rechaçando as honras do Romulo asturiana para os ninhos suspensos das fis-

gas montanhosas. A meia noite, Almansor, ouviu lamentações horripilantes nas profundezas, e gargalhadas pavorosas de sereias e lagartos, enquanto sapos gigantes faiscavam na treva solidificada uns olhos fosforescentes. As buzinas mussulmanas vibraram clangores medonhos. O alfange faisca na pederneira. Engano. O berbere estava distante. Almansor tranquilisa a sua gente de armas. Era um pronuncio de victoria, a voz de Allah anunciando o triunfo mauritano. Após a reconquista, e mesmo até á renascença as tradições da Gaverna, constituíram uma grande superstição peninsular. Afonso X e D. Diniz dedicam-lhe trovas maravilhosas. A astrologia, a alquimia, a magia, debatem o assunto em vigorosos calhanacos. E nós não devemos desdenhar da sciencia antiga... Todos os conhecimentos antigos andam envoltos em capas de bruzedo.

É uma expressão infantil de verdades profundas.

Um medico explicou-me um dia o corte do coxo o erguer da espinha e corpo aberto, e dali ávante o tributo do meu respeito por todos os restos arqueologicos. Pingou a meia noite da velha torre Universitaria. Eu ia só. As horas pairam nas nuvens como abelhas zumbindo.

Subito, um rumor estranho me sobe pelos pés, pela espinha, tomando-me de pavor. Allah e os espiritos malignos de Hypocrates faziam um concerto fantasma na Gaverna. Olhei. A minha vista redobrou de acuidade. As arestas eram facas, os contornos o infinito. Do chão ergue-se uma nuvem de fogo. Dois vultos! Extravagante! Fantastico! Um, caminha para cima. Tocava o hino da carta. Desbarbado. Pelo andar serafico, meneado, mulherico, era um lente. O outro seguiu para baixo, amarrado á parede como um ladrão. Barbas de padre eterno. Coxo. Uma bengala. Doce. Assobiava:

Ai Joaquina! Ai Joaquina!
Abre-me as portas
Que vou entrar de fachina.

Ahi deixo o facto aos investigadores cavernosos, e oxalá se ponha tudo em pratos limpos, pois com isso muito ganha a sciencia e a industria, e, principalmente, a humanidade, que verá assim explicada uma lenda que trouxe amofinados os vencedores do mussulmano durante oito seculos.

«O Bispo», por José Augusto de Castro

Em virtude de não recebermos do Porto um trabalho fotografico que deverá acompanhar o artigo do sr. Fernando d'Araujo sobre o livro deste illustre jornalista, ainda hoje não podemos cumprir a nossa promessa. Fica pois para o proximo numero e que os nossos leitores nos perdoem esta falta.

A REVOLTA

Vende-se, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade.

Frente a frente

Ha tempos falando eu da Universidade e do seu professorado fiz afirmações que pela rigidez da sua verdade calaram profundamente no espirito de todos quantos as leram. Trabalhavam a esse tempo as comissões de separação de funcionarios, e eu que nunca fui denunciante, não apontei, podendo fazel-o, ninguém! Esperei resignadamente que elas se pronunciassem, para depois, como republicano de lei, manifestar o meu apoio ou a minha discordância ante o resultado que das suas investigações emanasse. E esse resultado appareceu finalmente, mas só para envergonhar a Republica que demasiadamente confiou nos seus servidores. Esse resultado veio de facto á luz do dia mas tão unica e simplesmente para atraiçoar a vontade dos que se bateram e morreram pela felicidade desta terra na madrugada sanguinolenta de 14 de maio.

De resto, a defeza da Republica foi tomada em menos conta, e levamos a crer que se algum funcionario foi desviado, a razão deve encontrar-se ou no seu espirito aberta e claramente confessado por ele proprio como reaccionario, ou então no facto de não haver ninguém que lhe dispensasse a sua protecção. En sou republicano do fundo da minha alma, e por isso todos os passos mal dados pela Republica me martirisam duma forma assustadora! E este então mais que nenhum outro me obriga a pôr de atalaja. Pois como hei-de eu adormecer tranquilo se vejo que a Republica, que eu tanto amo, continua entregue á ferocidade daqueles que armados e equipados tentaram já em Chaves desfazer-lhe em bocados com sarraivadas de metralha a sua tunica verde-rubra? Como hei-de eu acreditar na inviolabilidade das instituições se a dentro das repartições publicas continua a mesma malta que de comum com o expediente vai fazendo a propaganda mais pulha contra o regime que o povo espontaneamente implantou? A defeza da Republica dentro dos estabelecimentos do Estado, foi a maior das blagues! As aspirações dos revolucionarios foram vilmente atraiçadas, e ninguém me venha de boa fé dizer que lavro em erro! Eu sei bem aquilo que se prometeu, e sei também a desfaçatez com que se atraiçou!

Pois não hei-de eu revoltar-me contra o facto de serem separados dois ou tres amannenses e não sei se algum cantoneiro ainda, enquanto que a educar a mocidade, ficam creaturas que pelo seu passado e pelo seu presente são os mais fideis inimigos da Republica?

Não hei-de eu revoltar-me contra a infamia de darem a uma mocidade que quer estudar com professores affectos aos sagrados principios da Democracia, outros professores que comungam quotidianamente e queimam ajeirim quando troveja? Podemos nós, estudantes republicanos, ouvir de bom grado as preleções dum professor que mais para desrespeitar a Republica do que para exteriorisar a sua crença, se veste com as suas insignias para depois ridiculamente ir tomar a vara do pálio numa procissão!

Podemos nós, porventura, ter o respeito devido a um mestre, a creaturas que tomam parte em todas as festungas reaccionarias, fugindo pelo contrario sistematicamente de todas as manifestações liberais e republicanas? Que o diga sinceramente todo aquele que souber ver nestas palavras a profunda indignação que vai adentro da nossa alma de republicano. E que o diga também todo aquele que, como nós, houver perdido muitas noites e sacrificado a sua vida, de carabina a tiracolo, para que a Republica nunca fosse enxovalhada! A estes é que cumpre avaliar a nossa dor e a nossa mágoa! Mas eu não meço tudo pelo mesmo rasoiro. Na Universidade de Coimbra, ha professores, que por todas as suas qualidades profissionais e politicas se impõem á consideração de todos. E para estes eu aqui deixo a prova mais sincera do meu profundo respeito. Para estes aqui flocm as minhas mais respeitadas saudações! Para os outros, para aqueles que guerream a Republica, e anavalham a Pátria, para os que são reacio-

narios até á medula e jamais se reconciliarão com a Liberdade, para os que fazem conferências jesuiticas de terra em terra como mercenario da causa mais deshumana e mais vil, para os arautos do mais vergonhoso dos passados e do mais anti-patriotico dos regimens, para estes, ia eu dizendo, aqui fica tambem reiterada a promessa da mais alevantada rebeldia, em tudo que eu possa ver a luta da Liberdade contra a reacção, e a guerra do espirito lucido deste seculo contra a perfidia reaccionaria dos tempos d'Inacio de Loida.

E posto isto, doutra vez voltaremos á carga.

FERNANDES MARTINS.

Factos e comentarios

Afonso Duarte

A poesia deste grande poeta, inserta no passado numero do nosso jornal, motivou como era de esperar, o desejo unanime de saborear novos trabalhos do primoroso artista, que, com tanto brilho e encanto, sabe facetur as joias do sentimento. E' pois, com vivo anseio, aguardada nas nossas colunas a sua poesia de lei, que tão bem consegue harmonisar, na mesma grinalda, a virilidade e o sentimento, falando da Pátria com a alma de portuguez e de poeta.

A talassaria

A Revolta lançou o pavor nas hostes reaccionarias. Cremos que ha muito beijo caído e muita indignação provinciana pelo facto de estarmos tão escandalosamente a fisionomia do conspirador *Fezes e Tal.* Alguns rapadinhos, segundo nos informam, tencionam manifestar a sua solidariedade áquele cavalheiro, que em Chaves ousou conspirar contra a nossa Pátria, fugindo cobardemente aos primeiros tiros dos soldados da Republica... A cobardia tornou-o inofensivo. Pela vontade, preferia Afonso XIII a Afonso Costa.

Pois manifestem lá a sua solidariedade, seus bisborrias...

Que susto!

Que vai apparecer um pasquinista monarchico, opondo-se á acção republicana de *A Revolta*, dizem. Que susto!...

Ribeiro dos Santos

Para Alpedriz retirou ha dias o nosso camarada Ribeiro dos Santos. E' com viva saudade que lamentamos a sua ausencia, desejando-lhe muita vontade de trabalhar para o nosso jornal, que assim se vê privado dum infatigavel e intelligente colaborador. Oxalá que a distancia não oblitere as promessas feitas, e continuemos a ler com acuidade a sua prosa vibrante de combate.

Pela imprensa

A todos os jornais que tiveram para a nossa Revolta palavras de incitamento e saudação, os nossos agradecimentos, patenteando-lhes aqui, como a mais significativa expressão da nossa estima, a firmeza dos nossos esforços para nos tornarmos dignos de tais provas de consideração e gentileza.

Gralhas

Para nos não exirmos ao classico instituto das gralhas, temos a sensaboria de participar aos nossos leitores os bandos respeitaveis que pulularam em nosso ultimo numero. Era uma empreza arrojadissima intentar a confecção duma tabela de rectificações. Confiamos na argucia do proximo, por um principio de economia e por uma cortezia moral.

Aulas...

Medicos do Funchal!!

Quem são?! que fazem?! para onde vão?!

O professor de Therapeutica — o *padrinho* ilucidará!

ANALISE

O pavor da *devoção* é um dos grandes contratempos que faz respirar o impeto fogoso de muitas emprezas jornalisticas. E, então, quando a empreza é um passarinho como o nosso, sem grande concorrência de acionistas, o pavor toma aspectos tempestuosos e desoladores. Esse fenomeno apresenta dois aspectos: *devoção* e *calote*. A *devoção* é um *sulfacto*, resultante da reacção do ácido *economia* sobre a metaloide *honestidade*. Sabor desagradavel. Incolór. Entra na constituição basica das fortunas. O *calote* é um *acido*. Formula: $I P_2 E_4$ (dose de indecencia, dois quilos de porcaria e quatro arrobas de exploração do trabalho e da felicidade alheia). Sabor adestringente. Explosivo. Cheiro pessimo.

Ocupemo-nos especialmente da *devoção*. Tivemos a percentagem de 20 p. c. E' favoravel. Observados os diversos casos, verifica-se invariavelmente a caligrafia duma senhora espevitada: *decolvido á reacção*. Não é senhoril; é mercantil. Mais umas torradas, mais um chá e um café no *ménage*. A's vezes a nossa prosa não chega ás mãos do paciente. A esposa, vigiando atentamente a *lei travada*, despacha o canudo com o visto: *Devolvido*. E' terrivel o poder da mulher. «Quando a mulher bate palmas, o ideal triunfa» E' de V. Hugo. Senhora: aplaude com as tuas pequenas mãosinhas a nossa *Revolta*!

E' uma cruzada santa, senhora. Defendemos a nossa geração dum vampiro. Sé portuguez, senhora. Nascer em Portugal não é a indispensavel condição da nacionalidade. Miguel de Vasconcelos não é portuguez, não o é Paiva Couceiro. De Portugal é D. João I, é o Marquez de Pombal, é Filipa de Vilhena, e Joaquim Antonio de Aguiar. Portuguezes são hoje todos os republicanos sinceros, todos os homens honrados. Devolver *A Revolta* não é um estigma, é certo. Aceita-la não é, também, uma obrigação.

E' solidariedade, é um estimulo. Dá-nos, pois, as tuas palmas senhora. Triunfaremos.

José Maria Pacheco

É com viva saudade que hoje se aviva em nossa memoria a camaradagem do joven e dedicado amigo José Maria Pacheco. Na primavera da vida, quando os sonhos ridentes despontavam na sua alma de lutador, um lamentavel desastre o arrebatou do nosso convivio. Já lá vai um ano. Em volta do seu túmulo trepam as flores. Na paz sagrada que te envolve, a nossa alma, conovida, vai depôr um bouquet tristonho: chama-se saudade. Os mortos vivem na saudade. O tempo ainda não secou a nossa dor. Ela persiste porque foste bom, leal e puro. Não conforta; mas é este o unico desabafo que opôr aos dolorosos destinos da natureza.

A' garrócha

Sciencia

Parece uma historia, ou, antes: uma facécia de *almanaque*. Nem mais uma virgula, nem mais um termo da nossa lavra. Não é troça, não é denuncia, não é espirito. E', simplesmente um registro.

E' num exame de *Economia Social* de fresca data. Examinador é o sr. Colaço, aquele conhecido Colaço, morrendo de amores pela Republica.

O mestre: — mas no que consisté essa *joia* que se paga para entrar na tal sociedade?

O aluno: — essa *joia* é um adeço... que... as mulheres...

O mestre: — um... *broché*, não? um *bertoque*?

O examinando passou.

Mais sciencia

Na Escola Normal de Vila Rial fazia exame uma rapariga de terceiro ano.

Surgiu a palavra *Christo* no meio da leitura dum texto.

O mestre: — gramaticalmente quem vem a ser essa palavra?

A examinanda: (titubeante)... um verbo.

O mestre: — presente do indicativo?

A examinanda: (espevitada) En christo, tu christas, ele christa, nós christamos, vós...

Chumbou. Na Universidade... passava, apesar de ser mais bruta do que o permitido pela Carta Constitucional, como diz dali um amigo.

Manolo... heroe

O pobre moço que presidia aos destinos jesuiticos da *debacle* portuguez pelo declinar de 1910, ofereceu, num gesto espadachim e napoleónico, a sua delicada compleição para marchar á frente dos exercitos aliados.

A quando do escandalo domestico que expoz o seu leito nupcial ao soalheiro da imprensa mundial, toda a gente cantou:

Manuel ceguinho
Já não tem, não tem...

Mas o garoto ainda... tem! Vejam aquela tesura.

Mas, ó desgraça! Creio que a França vai pedir a Portugal a folha corrida do *valiente*.

A pagina da Ericeira é o diabo! A lavadeira limpon-lhe as coroulas com os dedos no nariz...

Que será na França? Pobre lavadeira!

Mas, na guerra não ha lavadeiras. Em tempo de guerra não se limpam armas.

Nesse caso... pobre anus!

A Virgem e Portugal

A *Nação*, jornal da *força e do cete*, publicava, num gesto beatifico, em lugar de honra, a effigie duma sopeira descahida, as mãos imbecilmente erguidas, e aos pés o arcanjo espadagando a figura tragica dum demonio.

O cobardissimo D. João IV, não tendo mais nada que legar a Portugal, alem duma dinastia desgraçada, e um avultado deficit no nosso patrimonio colonial, deu essa sopeira para a adoração daquelle pobre Portugal que nos legou o imbecil Cardeal Rei. E' esbelta a sopeira, seus gajos, mas apesar de tudo, quero ter o prazer de a utilizar na minha... cosinha, não em serviços de limpeza, mas para acender o lume. Em lugar dum auto de hygiene, um auto de fé. E' apenas o reverso da medalha.

Religiosidade

O patusco *Dia* também festejou a Imaculada. Isto de imaculada, depois de dar á luz uma robusta criança do sexo masculino, é um grande ultraje á sciencia medica. Com que enção, a Imaculada, não mandou vir um menino de Paris?... Seja o que for. Fique-o sabendo o país inteiro: O Moreira d'Almeida e a sua tropa vão orar com devoção, macerando as joelheiras das pantalonas, ganhando assim indulgencia plenaria para o resgate de seus pecados. A honra, a patria e o país, tudo será salvo. Ninguém dirá: olha o tartufo do Almeida! o Almeida dos assucares!

Qual? Santo Almeida! Divino Almeida! Piedoso, devoto, cristão Almeida! Que miséria de ridiculo!

EXPEDIENTE

A todas as pessoas a quem enviamos «*A Revolta*» e que a não quiseram assinar, pedimos o favor de no-la devolverem na volta do correio. Mais pedimos, no caso de qualquer irregularidade, o favor de no-la participarem, afim de esta Administração tomar immediatamente as providencias necessárias.

GESTO DEGRADANTE

Os academicos talassas e clericais, resolveram, ha dias, efectuar uma manifestação de simpatia ao ex-ministro da Ditadura, sr. Dr. Guilherme Moreira. E no mesmo lugar onde se afixam os convites para os funerais, appareceu uma lamuria dos *tarlarins*, apelando para os sentimentos reaccionarios da *grei*, e marcando uma reunião para deliberar-se a dose da *graça* e *bajulação* com que temperar a porcaria. Efectuou-se a tal reunião no pateo da Universidade. E' registavel a liberalidade e a simpatia com que se facultava a dependencia dum estabelecimento do Estado para assuntos desta natureza... Adeante. A talassaria reuniu. E' este o facto. A contrastar com as baboseiras e com os variados alvitreos dos meninos de côro, um republicano ali fez ouvir desassombadamente a sua voz, protestando em nome dos seus camaradas, contra esse acto, libando assim a nossa reputação do vilipendio com que meia duzia de *snobs* abusivamente pretendia sobrecarregar uma academia inteira. A manifestação de simpatia, foi levada a efeito, é certo, mas, em nome duma parcela, em nome dum grupo, o que lhe apoucou, e ainda bem, o significado.

O exilio e a morte; a infelicidade e o desastre, infundem respeito. Não ha hoje em nossas almas, a minima parcela de má vontade e azedume contra o sr. G. Moreira. Reputamos um acto de cobardia perturbar a sua magia profunda. Sim: apesar de tudo, Guilherme Moreira sofre. Fossem quais fossem as suas intenções, o golpe foi bem fundo para despertar a dor. O dr. Guilherme Moreira teve ao menos a franqueza, melhor: a heroicidade de expor-se a um grande perigo, jogando, com grandesa, o seu futuro.

Quisese embora restaurar a monarchia!... não o odiamos. O proprio D. Manoel, o vosso chorado rei, imbecis, nos mete dó. D. Manoel é um exilado; Guilherme Moreira, um falido. Deixai-os no silencio e na paz! São homens. Sofrem. Para ignominia basta-lhes o passado. Rojais-vos como cães, ante o ditador? Quereis o diador? Insensais um inimigo da republica? O caso é diverso. Como sois infelizes e repugnantes! Erguei-vos. Medí a profundidade da vossa abjeção. Otrora, os escravos gemiam em lamentos cortantes quando o senhor lhes quebrava as algemas... Concentrai-vos no vosso espirito. Olhai agora. Não corais?... Infelizes!.. Q: al o padre que vos educou? Trazeio aqui.

Um escarro, miseravel!.. és homicida!

De jornada

Estamos na firme decisão de inaugurar na cidade de Coimbra, o rejuvenescimento do espirito academico. Um grande contingente aqui despejado pelos seminarios onde o jesuita recrutava a sua gente, ameaça seriamente a Republica, preparando para o futuro uma desgraçada geração. O jesuita ainda não abandonou de todo o seu rebanhão. Disfarçado em homem do seculo, ele efectua surdamente uma contramina de que espeia avultada colheita. Os centros da *Democracia Cristan*, da *Mocidade Catolica* e *Monarquicos*ahi se erguem audaciosamente, semeando os seus dogmas e preconceitos pela mocidade. Urge um renhido combate, a organização de todos os republicanos sem distincões partidarias, sem dissidios de qualquer natureza, e dar-lhes batalha pela imprensa e pela tribuna. *A Revolta*, republicanos, é um jornal de todos, nós um jornal da Republica. Os nossos oradores começaram já a sua jornada de propaganda.

Fernandes Martins iniciou duma forma brilhante as suas conferencias de catequese republicana. Em breve será levado a efeito um importante comicio na cidade de Coimbra, no qual tomarão parte alguns dos mais notaveis oradores portuguezes. Avante! A Pátria vai precisar de todos nós, dentro em pouco. Precisamos de guardar a Republica de defende-la pois é ella o patrimonio sagrado de todos nós.

SECÇÃO LITERÁRIA

A's mãis portuguesas

Mãis! Quando ouvirdes tocar
Nos quartéis a reunir
Ide-os vós mesmas a armar
E beijai-os a sorrir
Porque elles hão-de voltar.

Contai-lhes, mãis, o passado
Deste povo aventureiro
Que em toda a parte deu brado
Como o mais firme soldado
Que houve no mundo inteiro.

Falai-lhes da nossa historia
Que não ha outra igual
Dos trofeus da nossa gloria
De tudo o que houver memoria
Na vida de Portugal!

Contai-lhes os nossos feitos
Quer em terra quer no mar
E dizei-lhes que nos peitos
Que forem saos e perfeitos
Ha o dever de marchar.

Coimbra, 1915.

Depois deixai-os partir
Para a guerra, a batalhar,
Té que um dia os vejais vir
Cheios de gloria, a sorrir,
Outra vez para o seu lar

E então é que ha-de ser
Ouvi-los falar da guerra
Dos combates a valer
Do brio da nossa terra
Do orgulho de vencer!

Deixai-os ir que eles sós
Farão prodigios de gloria
E honrarão a memoria
E as cinzas dos seus avós
Com os loiros da vitoria!

E enquanto durar a guerra
Mãis portuguesas, cantai:
Hinos de amor a quem vai
Defender a nossa terra
E a nossa honra! Cantai...

FERNANDES MARTINS.

Cartas d'aldeia

Outeiro d'Oriente, 7-12-1915.

Meu rapaz: — Incluso te remeto a tua mesada. Vae com sete dias de antecedencia do que não resultará, estou disso certo, mal algum. Juntamente com a mesada vão as quantias que tua santa mãe e teu embabeido avô te enviaram para as tuas despesas extraordinarias.

Espero firmemente que não dissiparás o dinheiro: confio na coerente, desvelada e robusta educação que em familia recebeste, para assim o esperar. E' nosso desejo que estejas sempre apercebido em tudo para as varias emergenciaes da vida.

A educação faz-se e obtém-se pela persistente pratica do elemento educativo que se pretende inculcar ou adquirir e, por isso, nós queremos que tu pratiques a economia, que aprendas a saber gastar a proposito e com proposito: ora, para tal aprendizagem, para merito de agente e eficacia nos resultados, é urgente um condicionalismo importante, — *ter materia sobre que exercer a dita economia.*

E' evidente como vês. Nos meus tempos de rapaz, quando como tu, agora, eu estava em Coimbra e havia aí fraternais e alegres republicas, um meu companheiro, quasi sempre o presidente do executivo, teologo, discipulo do Dr. Lino e Madureira, bom rapaz, liberal a valer (!), e erudito, saia-se a cada passo em aforismas entre os quais me apraz citar-te um que era assim, *si rita memor: — « Beatus ille qui potuit facere malum, et non fecit ».*

E' o teu caso: — feliz e virtuoso serás se tiveres dinheiro e, todavia, não dissipares.

Repara bem no seguinte, meu filho: — por falta de dinheiro se pode perder o caracter; pela sua superabundancia despropositada e irrefreada podem adquirir-se vicios que inibam o agente de adquirir o mesmo caracter. Ora, tu, meu rapaz, has de manter e firmar, acrisolar e robustecer o caracter que te imprimimos desde os primordios da tua infancia até hoje que vais alvorecendo para a vida social, cujo elemento de valor eu quero que sejas.

Eu quero, meu rapaz, que tu pertenças á pequenissima minoria das pessoas de caracter, e tu sabes já o que significa este conceito proferido por mim: — *eu quero.* Tu recordas-te quanta excellencia eu te tenho patenteado existir neste admiravel verbo querer.

Sim, meu rapaz, quando algum dos representantes da nossa especie gerou no seu cerebro esta ideia de querer, nesse momento, indubi-

tavelmente, surgiu a humanidade e o homem-animal transubstanciou-se em animal-homem em caminho para homem-heroi, para homem-Deus.

Pois, bem: — eu quero que tu sejas indefectivamente da reduzida minoria, desta reduzida mas verdadeira e activa nobreza, constituída pelos homens de caracter.

Repara que esta nobreza é assediada, apedrejada, cuspidada por toda a especie de bisborrias e traficantes, por todos os bilontras e chatins que pululam e enxameiam e atravancam e que sobre tudo e todos tentam fazer correr o fio nojento da sua baba asquerosa.

Pois, apesar de tudo isso e porque isso assim é, eu quero que tu, meu rapaz, para teres direito a usar o nome de teu pai e de tua mãe, não desvies um ponto, sequer, do caminho da rectidão, da honestidade, da activa intransigencia de principios, da correcta tolerancia, da humana e digna benemerencia.

Se a pardacenta vará grunhir em volta de ti os seus despeitos rancorosos, se a ladrinchante matilha te arregarhar a dentuça apodrecida, afasta-os com um olhar recto, limpo, ciosa a que eles não podem resistir, e passa adiante; não te incomodes, sequer, a apanhar uma pedra: Se á mão tiveres uns punhados de bolota, se no bordo do teu prato honver algum pequeno osso, atira-lhe com essas iguarias, mas não te detinhas, passa adiante: o cheiro duma vara ou de uma matilha tem o quer que é de aborrecido e nauseabundo.

Procura, pois, os homens de qualidades nobres, *rari nantes* neste pelago tenebroso e, especialmente, vive contigo; estuda a escoria circumjacente, que é a maioria ululante; prepara-te para a vida, para a luota, estuda, observa, critica, autoeduca-te; conduz *pari passu* todas as tuas faculdades, — as fisicas, as intellectuais e morais; toma conhecimento e posse do teu valor comparando-te em tua consciencia desassombrada e dignamente orgulhosa com a maldosa cretinice que te circunda, que nos circunda e, de cabeça levantada, são no corpo e de espirito são, caminha para o teu destino.

Depois, no futuro, se for possivel, procura corrigir e depurar a escoria, procura embarrelar a sociedade. Se não poderes, se o condicionalismo não for bastante, não te afofinas, não te inerves; realiza o ideal na familia onde viverás e para quem viverás tão sómente.

Tenho muitissimas cousas a dizer-te, ou, melhor a recordar-te sinteticamente, pois que elas tem sido o objecto da educação que eu e tua mãe temos ministrado nesta Universidade que é o nosso lar; hoje, porem, ponho ponto porque, estando o nosso lagar novo azafamado, em plena laboração; tenho

que ir até lá inspecionar, ensinar, dirigir, — meter a oleicultura criteriosa na cabeça endurecida desta gente que, sobremansira, é refractaria á boa tecnica, especialmente á tecnica que tem como fim immediato o asseio.

Estes demonios são de uma teimosia asinina, coitados, a respeito do modo como que o que se armazene a azeitona nos olivaios enquanto não vai para a moenda.

A proposito: como entre os teus amigos ha um com tineta fileologica, o C. M., pergunta-lhe qual a versao que julga apropriada para o termo — olivairo. Eu traduzo — azeitoneira e tambem poderia — dizer — azeitonaria. Ele que diga, no vosso periodico, de sua justica. Diz-lhe que me não fale em tulhas.

Concluindo: Reforça as proprias virtudes e cre na firme dedicacão e inalteravel intransigencia.

Do teu pae CINCINATUS.

Na REVOLTA

Recebemos a visita da Tribuna, bem redigido semanario que se publica em Lamego sob a direcção do ex.º sr. Alfredo de Sousa.

Com a nossa permuta endereçamos os nossos cordeais cumprimentos, proclamando em firmes palavras, que aqui estamos cumprindo o nosso dever de portugueses e de estudantes, não só imitando-vos na defeza da Republica, mas fecundando o germen da nova sementeira.

O futuro está na mocidade. Consientes dos nossos deveres de cidadãos, pedimos a toda a imprensa faça constar que ainda ha estudantes em Coimbra.

— Recebemos tambem um esplendido numero unico, *Cinco d'Outubro*, publicado em Manaus, comemorando o primeiro lustro da Republica Portuguesa. Aspecto magnifico, primorosa illustração e escolhida colaboração.

Leituras Christans

Muito embrulhadindo num envelope recebeu o auctor das *Miudezas* pelo correio de sexta feira, uma piedosa folhinha publicada em Lisboa, sob a designação que nos serve de titulo. Essa publicação vinha dirigida em endereço tipografico, ao lente da Universidade de Coimbra, Dr. Henrique Teixeira Bastos.

A autopsia fica adiada para as proximas *Miudezas* e ver-se-ha, então, a existencia de competencias *miudas* que exercem *graudos* logares, lendo coisas microscópicas e imbecis.

Filologia de algibeira

Um *caloiro juridico* (?) pergunta, em postal, á redacção da *Revolta*, com aquela ingenuidade tam caracteristica dos novatos, qual a etimologia da palavra *direito* e se ella, efectivamente, deriva do latino *ius* (!).

Um *!.* Ao vocábulo latino *ius* tem-se dado varias etimologias, tendendo a prevalecer, como mais racional, a que o supõe derivado da raiz *iu-* (prender, ligar, unir) que encontramos em verbos como *ingo, iungo*, etc., e com a qual parece estar de accordo a sábia romanista D. Carolina Michaélis.

Compreende-se assim muito bem, que *ius* viesse a significar um *vinculo social* (a tal « regra de conduta » de que falam as sebetas) — profunda concepção, em absoluta harmonia com a natureza e brilhante função historica do Direito Romano.

Quanto á palavra *direito*, ella provém, morfologicamente, de *directus*, adjectivo verbal de *dirigo*; historicamente... é o que vamos ver.

A palavra *ius* quase se perdeu no portuguez, restando-nos dela apenas vestigios em compostos como *justo, justica, jurar, jurisprudencia*, etc., e ainda na frase *ter jus*, — bem pouco elegante por sinal.

Perdeu-se o *ius*, talvez por ser um vocábulo demasiado curto, pela mesma razão se perdendo outros monossilabos como *rus*, substituído por *campo, res* por *coisa, spes* por *esperança, os* por *boca, vis* por *força, mus* por *rato*, etc.

A substituição pela palavra *direito*, deve ter-se feito ainda na época goda.

Equivalente a *ius* tinham os conquistadores germânicos na sua lingua — *recht*, aquilo que é *recto* (o contrario de *torto*) e em cujo vocábulo é evidente a raiz *rah*, que tambem encontramos nos latinos *rego, rectum, dirigo*, etc.

Em suma: *direito* é uma tradução literal do *recht* germânico, tradução que, sendo feita pelos conquistadores, a pouco e pouco se foi vulgarizando tambem entre a demais população da Peninsula — hispano-romanos.

Ave te capito, non é vero?...

C. M.

ANUNCIOS

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE
Tabacaria — Papolaria — Loterias — Perfumarias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Illustrações
Revistas nacionais
e estrangeiras

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas coleções em fantasia
e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinaes

Agua ao copo
Deposito da Cevada do Cairo
Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

ATELIER MODELO

sob a direcção de

Gertrudes Faustino

ROUPAS BRANCAS. PONTOS ABERTOS.

Rua Eduardo Coelho, n.º 96 — COIMBRA

SECÇÃO DE VESTIDOS PARA SENHORA,

SOB A GERENCIA E DIRECCÃO DE

MADEMOISELE ESTER EGREJA

Ex-modista em Lisboa

Corte sistema francès. Modas e confecções.
Acabamento de perfeição impecavel. Esmerada confecção.

MODICIDADE DE PREÇOS

Grandes Armazens do Chiado

COIMBRA

Secções de Fanqueiro, lãs, sedas, mercador, confecções, roupas brancas para homens, senhoras e creanças, malhas de lã e algodão, calçado, luvaria, gravataria, camisaria, retrozeiro, louças, vidros, moveis de ferro e mobílias para salas de visitas, quartos e salas de jantar.

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

FARMACIA DO CASTELO

Deposito de produtos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentifricio. Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras. Instrumentos cirurgicos, etc.

IMPORTADORA

TELEPHONE N.º 850

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensaveis ao uso domestico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS

AVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.ª

A LUZITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS
Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
 Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
 Responsabilidade efectiva
 pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

**As mais elegantes, lindas e sólidas
 mobílias são as confeccionadas
 na LUSITANA**

MAGNIFICO SORTIDO
 de moveis de ferro e madeira, estofos,
 colchoaria, oleados, tapetes, brise-
 -bises, jutas, panos de mesa, etc.

MOBILIAS COMPLETAS
 Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros,
 Estores bordados.
 CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO
 R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149
Coimbra
 Telefone n.º 245

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinaria comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não póde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, accio e conforto. * * * * *

O primeiro estabelecimento do paiz
 Perfumarios nacionais e estrangeiras
 ESCRUPULOSO ACEIO
 Desinfeção rigorosa de todos os utensilios que servem aos clientes

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
 Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau
 Bicicletes B. S. A. e Peugeot
 Maquinas de costura
 Acessorios para tudo
 Instrumentos musicos, musicas, etc.
 Alugueis e vendas a prestações
 Descontos a revendedores
 Correspondente das Companhias de Seguros
 Comercio e Industria
 — Economia — Garantia —
 — Seriedade —

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais
 Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador
 que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL
 Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECEMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
 GUARDA — Rua Alves Roçadas
 COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
 CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
 Bilhetes de visita
 Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
 Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* **Guimarães & Lobo**
 54, Rua Ferreira Borges, 56
 COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, piugas e outros artigos para homem.
 Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA
 32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações
 Correspondente de Companhias de Navegação
 Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas
 Continente, ilhas e ultramar, trimestre, 485
 Estrangeiro 470

Pagamento adiantado
 Numero avulso 402

Anúncios
 Preços convencionais: Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores
 Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4
COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

Tipografia Literária

— Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA —

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, imprimindo pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os géneros
 Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.
EXECUÇÃO RAPIDA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

Director — Zacharias da Fonseca Guerreiro
Ano 4.
Redacção e Administração
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 18 de Dezembro de 1915

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis N.º 56
Editor — SILVA RAPOSO

Duelo moral

Um lado, o actual Bispo de Coimbra; do outro, o humilde padre duma aldeia proxima. Terça-feira passada. E' um quadro grandioso de moral antiga, o embate entre o coração e o dogma, entre a Igreja e o Homem, entre o dever e a mentira. Este padre é um homem: tem duas filhinhas na sua companhia, carne da sua carne, almas da sua alma, dois anjos a quem adora. Entre bom cidadão e bom padre, ha, porém um abismo: ou se é uma coisa ou outra. Cruel dilema do catolicismo, sempre em conflicto com a razão humana! Ainda bem: a illustração universal, generalizando o combate, triunfará enfim.

— Penna: não fraquejes! eu quero hoje os teus arrancos, que uives, flamejes sangue, que ranjas no meu papel, os desvairados da tua crueldade, os arremessos das tuas unhas sanguinarias. Ha um espantallo da Igreja que nos ultraja, que nos arremessa o escremento da sua alma cariada! Tem mitra como um ladrão de floresta! misero perdigoto expellido pela boca de Loyola.

Tremes? Não quero que tremas! Cospes? Não cuspas... Chamas-lhe ladrão da honra? tirano? enuoco? Não! não lhe chames nada! O Bispo cometeu um crime repugnante, bem sei...

— E's cobarde! poltrao!
— Nunca trepidei. Quando não disseres o que transbordar da minha consciencia, quebrar-te-hei! Atende: estamos num meio reaccionario, onde os proprios liberais, raras excepções, tem o espirito combalido e atrofiado por um microbio antigo. Não foi em vão que o jesuita Azevedo veiu fundar em Coimbra o primeiro esteio de propaganda, nos meados do seculo XVI. Elles não nos acusarão terminantemente de violencia. Conheço-os... alvitrarão maneiras de *deserem-se as coisas*... apontarão inconvenientes... impolitica... desgosto para os Juizes e compadres... *Voila l'ennemi!*...

— E temes?!
— Não.
— Miseraveis: é a vós todos! Eu sou do norte, sou da serra e mato coelhos á cacetada pela neve. As fraldas do vosso Bispo, a sua mitra, o seu aspecto carnavalesco e mulherica, a sua cruz e a sua vassoura das aguas bentas, todo esse rabotalho duma seita de aleijões, desafiam-me para a revolta; o seu moral pandilha convida ao pontapé.

E' assim mesmo, criticos de meia tijela, que pretendes impingir a vossa incompetencia

e a vossa imbecilidade, com exhibições dum pudor efeminado, de vomito ao pé da boca, e, lá no intimo, patifes de pior laia, e imbecis da pior raça. « Para a pior ideia a pior palavra » ouvis? *Guizot* que foi quem foi, maneja a palavra de Cambrone com todas as letras. O teu Bispo é odioso, Coimbra! mais monstro que todos os assassinos e bandoleiros.

Eu conto: o tal padre d'aldeia tem em sua companhia dois anjos, duas filhas. O Bispo intima o padre a vir á sua presença, ameaçando-o de tirar-lhe as ordens por esse escandalo...

E' assim a Igreja! Diz ao padre: — « finge de honrado e casto, e se meliante ». E os padres violam creanças e deitam-nas ao mar; fazem filhos e votam-nos ao abandono.

O abandono é pior que o mar: tem um caminho perigoso: chama-se miseria: ha ahí o lodo em que se escorrega; vai dar ao abismo da prostituição. As prostitutas não tem pai. São filhas do vento, como os ciganos. A Igreja engeita-as ás portas do postibulo. No principio da prostituição ha sempre um padre. O segredo da concepção dá margem ao crime.

Padre significa pai, mas pai como *Saturno*. Foi, pois, a prostituição, Bispo de Coimbra, o que aconselhaste, o que imposteste, sob pena do teu anathema, sob pena da fome. Christo não pregou assim. Mas o padre ama os seus anjos como um bom pai e um bom homem. O amor paterno faz heroes.

Montado na sua poldra, eis o bom do padre caminho fêra. Debaixo do casaco traz o cabeção. Na sua face esbate-se o clarão da altivez e da revolta. E' um homem e é um pai. O seu peito ergue-se como uma muralha ante a honra dos seus anjos. Ei-lo em presença do Bispo. E' um quadro imenso, um quadro antigo, cheio de pureza, a transbordar de luz! O proprio Christo abençoaria o homem. O Bispo ameaçou o padre: — as ordens ou as filhas! como quem diz: « a bolsa ou a vida! » O padre arrancando de dentro do casaco, o seu cabeção, apresenta-o ao Bispo:

— Vinha prevenido... Padre: eu sou atheu até ás profundezas do meu ser.

Sei que a absorção em Deus é incompativel com a independencia humana, e eu amo a Liberdade.

Mas, se foi o catholicismo que te ensinou essa moral... Não:

a moral da Igreja, a religião catholica, é encarnada no Bispo, impondo-te a prostituição de tuas filhinhas, e afrontando o teu coração de pai. A moral que triunfou e a minha, é a nossa, homem, a religião da dignidade humana, do dever, da honra, do amor, tal como a preção o sublime revoltado da Galileia, sem hierarquias, sem obediencias, sem que abduquemos da nossa consciencia e sejamos como o sonhou Loyola, semelhantes aos *bordões de cegos*. Vem d'ahi comigo, padre! urinemos em cima do teu Bispo! Recita uma das tuas excomunições contra todos os maus seres! Os homens da tua tempera não podem baquear. Se a Igreja te roubar o pão, escreve-me. Eu sou pobre, tambem, mas tenho aqui um tinteiro e uma penna para exigirmos ao Estado uma pensão para os teus anjos.

FERNANDO D'ARAÚJO.

Manuel Antonio da Costa

Encontra-se bastante doente este dedicado republicano, nosso prezadissimo amigo.

Este facto magoa profundamente a redacção de *A Revolta* que no honrado cidadão sabe ver uma gloriosa reliquia dos velhos tempos da propaganda, em que, romper-se, como ele o fez, contra a podridão monarchica, constituia uma coisa grave.

Sinceramente fazemos votos porque o mal se não agrave, e porque brevemente possamos noticiar a franca convalescência do illustre enfermo.

Dr. Antonio Pais do Amaral

Mais um valoroso companheiro que a morte acaba de arrebatár das nossas fileiras. A sua morte representa para nós uma dupla decepção: perdemos um amigo e perdemos o companheiro de lutas politicas, um republicano de lei, com todo o ardor da sua juventude e que soube elevar-se num cantico sublime á perfeição do ideal que redimiu a patria e a ha de conduzir a novas eras de gloria e de trabalho fecundo. Os rapazes da *Revolta*, têm braços e coração á prova de todos os combates. E, como todos os guerreiros, ei-los de frente descoberta e triste.

Não sabem orações de catecismos, nem creem no alem, e veem no padre e na cruz os vestigios duma farsa hipocrita dos tempos da ignorancia.

A tua alma, desditoso amigo, tem o destino que tiveram a de todos os homens que precederam Christo e Mahomet. Deixas-nos a saudade mais pungente, porque foste amigo e patriota, e patriota porque foste republicano. Morrer é da natureza, mas é sempre doloroso morrer tão novo, quando a vida tem a poesia das auroras perfumadas, cheia de sonho e esperanza!

A REVOLTA

Vende-se, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crespo e Tomás Trindade.

O BISPO

Por errado caminho vem todo aquelle que busca nestas palavras alguma coisa mais que um sentimento.

O critico é um magistrado; a critica uma sentença. Na sentença e no critico ha o timbre official dum chovalho odioso de formulas e aparatos deslumbrantes, a ostentação catédrica dum prestigio dogmatico e duma pretensa erudição de factos, donde a rotina coroada de classicismos pedantes, apregoa, não raro, as conclusões mais torpes e viciadas.

A critica enferma de inumeros defeitos, quer arrogando-se uma superioridade e uma indulgencia paternais, quer flutuando ao sabor das simpatias, dos interesses e dos humores. Inensos astros das letras, como *Zola*, *Hugo* e *Flaubert*, sofreram esses tormentos. Festejados pontífices da critica franceza, ludaram a esses astros, caluniando *Zola*, de *pírcro*; *Hugo*, de *imbecil*; e *Flaubert*, de *imoral*. E eram esses astros e esses criticos.

No rebate desvaído do artista, florindo em ciúdas tempestuosas de emoção e de belesa, rugindo como o leão, ameaçado pelo fogo, ás iniquidades sociais, cantando como a abelha, os feitiços balsamicos da paisagem, explende uma delicadesa sagrada que se não mede a compasso e fio de prumo sobre mesas de empreiteiros metro-maniacos. No critico ha quasi sempre um literato falido, ou um tabelião rabiscador de caligrafias rabudas e acanhadas vistas, que julga dependente do seu verbo o trofeu do morto aureolador do genio. No fundo do critico dorme o imbecil. E' a regra. A sua gloria medra na chacinha e no desprêso. Quando deprime, usa duma filosofia cobarde: *para estimular*... Evita o exaltar, pois teme a luz do sol que o obscureça. Ha cubicas de preto na imbecilidade, perseguindo-a no sono e na vigília, como o espectro de remeros ancestrais.

O critico é deo de sentimento. E' uma erudição de zurrapas, serapintada de linguas mortas, e tem, não sei que frialdade de formalismos teologicos, que desperta antipatia; mais: o asco! A critica, reindicando para si um campo exclusivo de acção, uma esfera de independencia característica, constituindo-se arrogantemente em *genero*, define-se como sendo a mansão donde os nulos julgam o talento arvorados em concelho de familia, investidura desprovida de documentos juridicos, morais ou intellectuais que lhes confirmem tais poderes.

Os criticos — dizia *Tchecoff* — lembram os zangões: berram para darem sinal de si.

Por errado caminho vem, pois, todo aquelle que busca nestas palavras alguma coisa mais que um sentimento e o maximo desden por todos os costumes e velhos moldes.

Uma avaria extravagante descia do tecto, indo poisar no braço do violino de Paganini. O livro que magoa tem sobre mim esse magico poder.

Mozart, pequeno ainda, vivava como um cão, ouvindo a musica. O sentimento é natural, é espontaneo, é sincero, é simples, e só ele poderá exprimir o valor da arte. Nos livros de Gorki, ha um conto magico: o vagabundo *Konopálov*, analfabeto, delira ante as melhores passagens duma tragédia lida por um companheiro. A tese desse conto é a epopeia do sentimento. Agora, o Bispo. O Bispo é o decimo quinto volume de José Augusto de Castro. Primeiro, o homem; depois a obra. José Augusto de Castro é um humilde filho do povo, sem diplomas de escolas superiores ou Universidades, mas com os titulos fidalgos dum grande sentimento, dum nobilissimo caracter, e dum trabalho honrado. Deve-se a si mesmo. Ha nestes homens um aprumo de cabeça que os torna magnificentes. Stuart Mill, Hugo, Humboldt, Mirandola, Herculano, Oliveira Martins, Camilo e mais centenas de planetas que poderemos observar ahí num catalogo das ultimas paginas do *« Monopólio da sciencia offeital »* de Domingos Tarro-

so, nos mostra, em desenvolvimento o tristonho significado dos papeluchos enrolados em canudos de lata. Estes homens tem um duplo merecimento que os impõe.

Eu não conheço pessoalmente José Augusto de Castro, com pesar meu, mas, através a sua prosa magistral, através a sua poesia brilhante e bem facetada; através os seus artigos sonoros, perfumados do sal do aticismo, dedução suave, fluentes, como sugestões crescendo dum ilio que doma feras, eu o vejo como um profeta, nos pináculos do seu Hermínio, esculpindo maravilhas fantasticas, os blocos desprendendo-se, tilintando, rolando, fazeando pender em fóra, indo ás profundezas da ravina esmagar os sacras que afrontam a humanidade. Ha no mestre a alma dum montanhez: tem o lado triste e o lado heroico. A tristeza deu o poeta; a heroicidade o jornalista. E no montanhez é vivo o sentimento da Patria. Ha de setecentos annos que as aguias do Hermínio fizeram trepidar as aguias dum grande Imperio. Nessa escarpa nasceu o pastor-guerreiro e bandido de quem o romano dissera: — *Si fortuna cessit, Hispania Romanus*. Apodreceu a aza das aguias romanas: A's aguias segue-se o abutre, obediente ao sicario de *Manresa*. O abutre vai á conquista do mundo, a fogueira substituido a lança, e a cruz o pavilhão.

Lá surge a dura tempera do montanhez na defesa da Patria, a pena substituido a lança, manejada por mão firme e certeira.

Como jornalista, José Augusto de Castro é dos primeiros. O seu adorado *Combate* é considerado como um dos jornais mais bem feitos da Republica. Ha doze annos que ele batalha intrepidamente, com a tenacidade da formiga e a valentia do leão, pela *Ideia Nova*. Esse jornal é o diário do mestre, que lá de alto da querida serrania, nos ensina, pelo exemplo, como se combate, sem desfalecimentos, sem refriamentos, profeta sorrindo a cada erro, perdendo, e aparecendo á nossa frente como um caudilho, em todos os perigos e angustias nacionais, incendiando a nossa fé e o nosso entusiasmo. Agora, o Bispo. O Bispo é um simbolo. O seu fundo essencial: o combate ao jesuita. O Bispo da Guarda, D. Manuel V. de Matos, cuidando mais dos *dinheiros de S. Pedro* que de miserias humanas, mostra-se o implacavel jesuita que inspira a obra do mestre. São quasi duzentas paginas de rebeldia dum profeta contra as varias tiranias, religiosas e politicas, contra todas as iniquidades sociais. Horas de febre nos tempos da monarchia, o mestre solitario na sua serra, fizado apenas no valor da sua pena, tendo em frente um inimigo poderoso na intriga, no capital, no numero e na perseguição. Escrever hoje contra a monarchia e contra o jesuita é coisa facil... Outra reclamava ousadias heroicas. Através o Bispo o mestre revela-se o adversario temivel do jesuita, dissecando-lhe as deformidades; o anarquista, tolerando a Republica, como regimen perfeito, mas de transição, demonstrando os desvios da evolução social; o prosador de lei, e o poeta. Ha paginas que lembram *Toletai*. O sentido da alma do mestre, é a Humanidade. Orientei-me na sua obra e vi o seu norte. Ele não immobiliza os detalhes, não se limita ao simples enredo, á pintura de telas pulverizadas.

Começando por uma paisagem, por uma noite de luar, por uma tragédia dum lar, a sua alma chega ao mar da angustia humana.

E' uma obra completa: não emociona unicamente: evangelisa. Não é erro classificar-na na escola russa de Tolstoi, Gorki e Stepniack.

Não o parecendo, José A. de Castro é, no fundo, um místico, um deista, é maneirra berbere, como os portugueses dos tempos heroicos, eles proprios tamanhos como Deus. Em todas essas paginas palpita a

alma dum propagandista genial. Prosa viril, singela, causticante, agradável, com o ritmo das campanhas e a intrepidez do guerreiro. Eis o mestre na sua obra, através do meu sentimento.

Coimbra, IX-XII-XV.

FERNANDO D'ARAÚJO.

Frente a frente

A julgar pelo que se diz este jornal produziu certo pânico a dentro da Universidade. A sua linguagem sincera e franca, não deixada por estudantes republicanos, fez com que o mestre reacionário considerasse que ainda havia nesta terra quem estivesse resolvido a antepôr-se resolutamente aos seus propositos extranhos e retrogados. Na guerra como na guerra. Para lhes entravar a marcha estaremos sempre dispostos a todos os sacrificios. Amamos a Republica como ninguém mais pode ama-la. Temo-la defendido o mais dedicadamente possível em todos os momentos arriscados da sua vida. Por ela temos feito tudo o que humanamente é possível fazer-se. E se assim temos vivido, assim hemos continuar a viver. Em cada adversario da Republica, tem cada um de nós outro adversario também. E como alguns professores universitarios tem feito a guerra mais vil e mais traiçoeira à Patria e à Republica, ora disparando sobre elas á queima-roupa, ora caluniando-as misera e torpemente, temos de concluir, sem esforço de maior, que com estes nos encontramos já em guerra aberta. Se os aceitamos como professores é porque a generosidade e porventura incompetencia dos governos da Republica nos forçam a este desgraçado papel. De resto temos a franqueza de dizer que preferiríamos ver na cathedra professores que pelo seu passado liberal e pelas suas convicções cheias de fé e de austeridade, nos apontassem com nobreza o caminho que depois com segurança poderemos seguir.

Está pois declarada a luta. O mestre conspirador e jesuita vai encontrar diante de si a ala dos moços republicanos que não permitiram impunemente que se ultrage a Republica.

Podem eles trazer á roda do peçoço os bentinhos da Senhora do Carmo, se quiserem; podem ir á missa aos domingos e festas de guarda, e comungarem pela Pascoa da Ressurreição que ninguém se importará com isso: agora o que não podem sem nós todos, como um só, apparecermos a protestar, é continuar na mesma propaganda ignominiosa e desleal contra as instituições republicanas. Se o fizerem não-de vir a maldezir a má hora em que o resolveram pois que nós mostraremos então mais uma vez o nosso amor acrisolado pela Republica que generosamente conforta com alentados soldos a grande legião dos seus mais ridiculos inimigos. Ainda ha estudantes republicanos em Coimbra. E estes tomaram sobre si a responsabilidade de não deixar mais escarrar sobre a tunica da Republica.

FERNANDES MARTINS.

Fatos e comentarios

Dr. José Serra

Para Castanheira de Pera, partiu na passada terça-feira, o nosso estimado amigo Dr. José Serra, que ali vai iniciar a sua vida clinica.

Ao novel medico, intemerato republicano e nosso dilecto amigo, desejamos o successo a que tem jus a sua competencia profissional e a sua intelligencia de que deu sobejas provas através a sua laureada carreira.

A Mascara,

Um pouco cedo, este ano, começaram de apparecer já á venda estes objectos de riso. Sem sabermos como, deparámos ha pouco com uma que nos fez rir a bom rir pelo comico da sua petulancia. É um trabalho que honra sobremaneira a «Tipografia Literária» donde saíu, porque a impressão é boa e o papel é excelente.

Henrique Videira e Melo e Zacharias Guerreiro

Em virtude de seus muitos afazeres, abandonou a direcção de *A Revolta* este nosso querido amigo, o que não obsta a que não continue prestando-lhe todo o seu concurso moral e intelectual. Assume hoje a direcção de *A Revolta*, o quintanista de Direito, Zacharias da Fonseca Guerreiro, bem conhecido em Coimbra pela sua dedicação á Republica e pelo seu grande caracter.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos neste numero publicar alguns artigos e entre eles o do nosso primoroso colaborador Academos intitulado: *Catholicismo, a Razão e a Moral*.

Por igual motivo adiaremos para o proximo numero um artigo firmado por Campos de Alemquer, intitulado: *Os Novos*, resposta ás considerações de Forjaz de Sampaio insertas na *Lucta* da semana passada.

Coitadinha...

Da beata Nação:

«A monarchia, nos seus ultimos tempos, não meteu ninguém injustamente na cadeia, e os proprios presos, reus confesos de crimes politicos, eram tratados com deferencia e até com requintes de cortezia.»

Admira a facilidade com que esta beata falseia a Historia. Leia-se o reinado de D. Miguel, de D. Carlos e D. Amalia. Eram todos os requintes de cortezia! D. Miguel dava aos seus presos a força e o cacete. O rancho, era mexido, com paus embolados em excrementos, para... fiscalisar! Isto é o que diz a Historia... E os companheiros de presidio de João Chagas, si por 31 de Janeiro? Que primor de cortezia, coitadinha!...

Na Revolta

Visitaram-nos *O Comercio da Povoá de Varzim*, e *O Português* que se publicam respectivamente na Povoá de Varzim e na Guarda.

Apresentam-se muito bem escriptos, e desde já estabelecemos permuta, fazendo também votos pela sua longa vida e pelas suas prosperidades.

MIUDEZAS

I

É certo que recebi dum anonimo um folheto periodico de Leituras Christans, propriedade da Casa Catholica, impresso aos 28 de novembro de 1915, na cidade de Lisboa, e com endereço tipografico para o sr. Dr. Henrique Teixeira Bastos, lente de Fisica na Universidade de Coimbra. É um folheto de quatro paginas. Ao alto, por cima do titulo, lê-se, num manuscrito a tinta vermelha: «veneno». O artigo de fundo versa um assunto scientifico, subordinado á tese: «Domingo do Advento. Evangelho», — fechando pela seguinte local: — Esta é a educação sem Deus... Esta local diz assim:

— «O guarda 650, destacado na 1.ª secção de investigação criminal de Lisboa, prendeu o menor de 14 anos de idade Marcos Teles, por ter furtado um cordão de ouro no valor de 34 escudos a uma criada de servir, residente na mesma rua. O referido menor, que é um modelo perfeito da educação sem Deus, quando estava no Governo Civil, tentou agredir sua propria mãe, por esta dizer que não queria saber dele» —

A venenosa intenção do localista transparece dum modo flagrante. Não importa para aqui discutir se o facto ocorreu ou não. Esta local, é, no fundo, o pensar de todos os jesuitas,

Trata-se dum menor que cometeu um furto, e que no Governo Civil tentou agredir sua mãe. Muito bem. Um medico, que julgasse essa creança, dizia: um louco. Apesar de erradô, tal diagnostico não era criminoso, despida como é a sciencia de intenções reservadas. O jesuita que julgou essa creança, concluiu: athen. Nas conclusões do jesuita-hil sempre um crime. Tacito ou expresso como se vê das reticencias do titulo da local, transparecendo o seu odio contra a neutralidade do ensino, contra o ensino scientifico, fazendo a apoteose da religiosidade, dessa religiosidade peninsular dos seculos XVI e XVII, que tão desastrosamente precipitou a ruina nacional, dando o predominio ás nações protestantes que se inclinam mais pela sciencia de Newton e Descartes, como aconteceu com a Inglaterra e Holanda. Ninguém mais religioso que Filipe I: matou um filho. Ninguém mais religioso que D. Manuel: matou os christãos novos; ninguém mais religioso que Adriano VI: e teve como barregans uma irman e uma filha. Ninguém mais religioso que S.º Ignacio: e ao sahir de Loyola não assassinou o mouro por que a mula o guiou por caminho diverso.

Ninguém mais religioso que Torquemada: as victimas de estupro, roubo e fogueira, sobem a milhões. Ninguém mais religioso que os jesuitas: mataram Ferrer, José da Silva, Gomes Freire, Galileu, Bruno, Copernico, acendendo mil fogueiras, roubando mil fortunas, envenenando a humanidade inteira. Mas para que transcrever para aqui a biografia de todos os Papas, que os tem havido com todas as manifestações do crime? E o Bispo de Beja, e o padre Matos, e o caso da infeliz Sarah de Matos? Para que transcrever a vida intima dos Malagridas, e dos interiores dos conventos? Quando se implantou a Republica, saíram do Quelhas 16 irmanans da caridade no seu estado interessante, por obra e graça do divino espirito santo!...

E — para não ir mais longe — tenho aqui o Seculo de terça-feira. O Seculo, segundo cremos, é um jornal de mais reputação que as Leituras Christans... Pois bem: Aqui na segunda pagina: —

Um sacerdote indigno — comete em Napoles um crime verdadeiramente horroroso.

«Roma, 13. — Em Napoles foi preso um padre que violentou e estrangulou uma menina, cujo cadaver depois lançou ao mar. Este crime feroz causou uma grande impressão em toda a cidade. S.»

Esta... a educação com Deus! para não falar no proprio Christo, que desprezou sua familia inteira...

Os homens são maus ou bons, conforme a sua natureza, conforme a sua educação e conforme o meio. A educação jesuitica, pelo que acabamos de expor e pelo mais que diremos neste jornal, é a pior das educações. Nós absolveríamos mil criminosos de educação sem Deus, e condenaríamos o mais insignificante crime dum educado com Deus, porque é mais odioso e mais hipocrita e mais audaz. Deus era para si a suprema autoridade, e desobedecer á maior autoridade reclama a maior penalidade. Se o tal rapazito a que se refere a gazeta christan fosse por nós julgada, julgaríamos assim: considerando que não sabe ler e que não tem pão no seu lar; considerando ainda a sua pouca idade, fica condemnado á instrução, e ás precias subsistencias.

Mas, continuaremos a discutir o jornalco do lente de fisica. Jesuita: — que me dizes aquele sacerdote de Napoles?...

A' garrócha

A' porta ferrea, com um certo desprezo pela opinião publica, continua a exhibir-se o triste espectáculo da mais desgraçada geração que tem passado em Coimbra.

Ali se ostentava, na passada quarta-feira, o convite para o funeral do inditoso quintanista de direito, Fernando Ruela Candido de que foi Deus servido levado á sua (sic) presença.

Triste espectáculo! Lá que se convidassem os amigos do inditoso colega para o seu funeral, está bem.

O que nos repugna, o que nos magoa, é a provocação, é a exploração que tão indignamente se faz em torno da morte. Em que seculo estamos? Chamamos a atenção do sr. Reitor da Universidade para este facto.

Fitas e mais fitas

Não se trata de assuntos de Cinematografo ou de politica, nem da tecnica do carpinteiro que também costuma tirar fitas com a plaina.

E' doutras fitas... Fitas... uzam-nas os palhaços nas pernas, as meninas nos cabelos e nas camisas de dormir.

Fitas, caros leitores, uzam-nas os estudantes de Coimbra, como distinctivo de classe. Este ano de Coimbra é o ano das fitas ao vento, largas e compridas de variadas cores... Tanta fita! E os olhos das pequenas deliciam-se nessas cores, nessa beleza! Tão jovem! Já quintanista! Que belo futuro?! Ai filha! não te iludas! são quintanistas de Coimbra. — De Coimbra, ouves?... Benedicta Reforma! A'parte algumas durésas, amamo-la, só por ela decepar tão profundamente esta especie de aristocracia, pedantismo e exhibicionismo.

O estimado...

A beata Nação nos seus transportes de amor pelo filho de Carlota Joaquina, diz:

«dos ataques propositados para destruir a popularidade e a estima de que foi alvo o Senhor D. Miguel I.»

Estimado por ter levantando forças o esganado os liberaes? Estimado pela figura de rufião que fez no Brazil, esbofetando os que se não descobriam á sua passagem? Estimado pelas facecias de eguariço que dirigia aos bandariheiros? Estimado, por em combinação com a devassa Carlota, efectuar o golpe de Vila Franca? Estimado, por assassinar o coitadinho D. João VI? Estimado, por chefiar os caceteiros que espancavam os liberaes? Estimado pelo seu reinado ser considerado por Oliveira Martins como o reinado do terror! Vai-te embora, Campanhol! não sejas erotica! que o teu estimado deixou de si as mais pavorosas memorias. Mas como a Nação é escripta para ignorantes...

A Tradição

Era dos usos antigos dependurar uma ferradura, uma haste de carneiro, ou um ossó de defuncto nas cimeiras dos portais. Isso tinha virtude: afastava os enguiços. No pavor da nossa devolução vinha hoje um destroço da civilização antiga: — dizia um postal: não assino porque também tenho um canudo. Que raio de criterio: Então nós devemos desprezar tudo o que não é nosso? Nós também temos... canudo, mas o dos outros — ai meninos! o dos outros sabe pela vida!...

Dos outros e das outras é que nos vem o consólo da vida, cavalheiro!...

Miseravel

O *Unha e Gosta* traz no *Dia* de segunda feira passada um espléndido artigo sobre a intervenção na guerra.

Chamamos-lhe espléndido por ser bem escripto. O resto revela uma habilidade miseravel dum moral tão torpe como covarde e como ignorante.

Ele termina regsbijando-se intimamente pela desgraça de Portugal, que já considera morto, repartido pelo estrangeiro, irremediavelmente perdido, como estava escripto.

Depois, pretendendo anavalhar a Republica, censura-a por ela não aceitar a cooperação dos monarchicos; que isso seria a união da familia portuguesa, etc. etc! Que miseravel!... Quem não sabe por aí a attitudina unanime dos monarchicos perante a intervenção na guerra, a attitudina dos clericais, fazendo preces pelo triunfo do Impaialismo, vendendo-se miseravelmente ao diabo-alemão?... Que miseravel!... E diz-se um partidario dos aliados, da intervenção; diz-se um portugues! Sobre a guerra, escreveu um só artigo, ha um ano. Este é o sagundo. Ba-ta. Conhecemos a tactica.

Vai-te embora, Antonio

Prosa do Pimenta no *Dia* de quinta feira:

«Ergue-te, homem do povo! Volta para o teu lar, volta para a tua officina, volta para o teu estabelecimento, volta para o teu trabalho, qualquer que ele seja! E se te decidires só ao teu lar, e te devotares só á precariedade da tua officina, ao desenvolvimento do teu estabelecimento, á maior utilidade, podes ter a certeza, homem do povo, de que se és pobre, ficarás rico, e se a tua fácil credulidade — nem os ambiciosos mecharão, nem os aventureiros conseguirão viver!»

A que tristes figuras leva o desespero! Pobre moço! Tive um principio de vida tão auspicioso, que não é sem uma profunda comoção na alma que se escutam os seus gritos ao homem do povo. O Pimenta ignora que para falar-se ao povo é mister possuir uma honra e um prestigio, e, sobretudo, uma serenidade. Um cigano troca tintas, que vai do anarquismo á Republica e daí á monarchia, não pode impunemente falar em aventureiros. Ergue-te, ergue-te, ergue-te! eis o que nos diz um triste que naufraga, pelas suas bestialidades e incoherencias, num mar de lama. Olha, Pimenta! Vai-te embora Antonio! É's uma porca biografia e ninguém escuta mentirosos da tua laia. E então diz tanta vez volta, volta, volta, que até parece que aquele bugallo que traz aos hombros anda muito avariado.

Começamos a duvidar do seu juizo...

Inimigos de sempre

Desde os mais longinquoos tempos até á era em que vivemos, nesse largo decorrer historico que veio desde o tempo do biblico Moisés até ao Papa actual e que nos dá documentos de grande alcance, foram sempre os ministros da religião cristã os maiores e mais encarnicados inimigos do progresso e da liberdade.

Desde essas remotas eras foram os padres a muralha de rocha ignia que, posta na marcha das civilizações, tem interceptado a passagem aos arautos da liberdade, da sciencia e da luz, a esses que com a verdade nos labios e com um coração perdido d'amores pela humanidade, tentam dar aos povos uma patria onde se respire e onde não haja o pesadelo das penas futuras, que por sugestão se inocularam desde a infancia, e tentam mostrar uma mais alta, mais nobre e mais humana concepção da vida.

Foram os padres que intrincheirados nas falsas crenças do geocentrismo e antropocentrismo, que chamavam á terra o centro do Universo e ao homem o rei de terra; se esforçaram por inutilizar a sciencia, quer obscurecendo ou abafando as novas verdades cosmologicas, quer perseguindo, prendendo á assassinando Copérnico, Galileu e Giordano Bruno.

Foram os padres que debaixo do nome de Santos, ou seja encarnados em S.º Christostomo, em Santo Agostinho, em S.º Jeronimo, etc., contrariaram e atacaram a doutrina dos antipodas e a da esfericidade da terra, doutrinas hoje tidas por todos como verdadeiras e em absoluto sustentadas.

Foram os padres que debaixo do nome de reis, ou seja fazendo-se chamar Carlos IX, motivaram e praticaram o horrivel massacre dos huguenotes a 24 d'agosto de 1572 em que pereceram milhares de francezes.

As colunas do nosso jornal ficam á disposiçao de todos os estudantes republicanos

SECÇÃO LITERÁRIA

MAZDEISMO

Fogo, tu és a Alma da Montanha,
A Vida oculta dos rochedos ras!...
E essa Vida extranha,
E' hui trêmulo de Luz
A palpitar no Coração da Terra!

Coimbra, 8-12-915.

Campos de Figueiredo

Foram os padres que obedeceram
do «perinde ac cadaver» ás ordens
de Urbano II, instituíram, pregarão
e executaram as celebrações cru-

Foram os padres que sujeitaram
Roma á carnificina e á pilhagem
dos protestantes e do exército alemão
(Clemente VII); foram eles que

Foram os padres dessa Companhia
de Loyola que só na Hespanha
e num período de 17 anos,

Foram os padres que ocasionaram
a ruína de muita nação incluindo
a nossa, etc., etc.

São os padres que beneficiam
os apóstolos praticaram no passado,
e que agora a historia nos mostra

O presente não podia deixar de
ser senão um comentário do passado.

São os padres que operam a degradação
das mulheres, a corrupção
das famílias e a ruína da patria.

São os padres que, ministros
duma religião, que, como todas,
são em vista instituir a moral, são

São os padres que, presentes
mais odeiam a criação de escolas
e a instrução do povo porque a

O obscurantismo é que lhes serve.
Precisam de consultar o barómetro
para fazer preces padindo chuva,

Servem-se de tudo para suggestionar
o povo ignorante.

Ainda ha pouco numa aldeia da
Beira Alta, que tinha perdido todas
as vinhas por causa da floresta,

São os padres que querem o analfabetismo
e que sempre o quiseram.

São os padres os maiores inimigos
da instrução, da livre marcha
do progresso e da intelligencia humana.

São os padres que pretendem
inibitizar a sciencia e que encurram
a intelligencia humana no escuro

São os padres os inimigos de sempre.

Coimbra, dezembro 1915.

BUCHNER.

CARTA DE LISBOA

Por demoradissimo banal é hoje em
dia tudo o apparecimento dum jornal
por mais que o titulo que o encime,

Bom haia a elas!! Este desassombro
que é a pedra de toque das
energias que vão alentar a Revolta

A elo quencia do chicote que dispensa
gramatica e aprendizagem e a

que essa sucia de gafaria está afeita,
por reincidencias criminosas e
consecutivas, urge convertê-la

Fazendo isto, não só fazem justiça
dando-lhes o apelido que lhes
quadra, como servem de aviso

C. C.

Filologia de algibeira

Preguntava-me Cincinatus, no último
n.º deste semanário, como traduzir
a palavra olivario. Eu acho esta

A pergunta, repito, é singularissima.
Que Cincinatus tivesse a curiosidade
de saber se um adjectivo masculino

O que se não pode compreender é
que um individuo, ignorante em
assuntos destas natureza — que sam

Mas vamos lá. O meu consulente
quere que lhe traduza o vocábulo,
olivario. Mas de que lingua é esse

Pela análise estrutural da palavra,
diégio á conclusão de que ella
só poderia pertencer ao italiano.

Mas, supondo a sua existência e
com o significado que o meu consulente
lhe aribuía, só poderíamos

Há em todas as linguas modismos
especiais, frases feitas, etc., absolutamente
rebelde, inadaptables, á

Resumindo: O lugar onde se armazena
a azeitona tem, em português,
o nome de tulha. Chamar-lhe

Quere Cincinatus, á fina força,
que o local onde se armazena a
azeitona tenha na nossa lingua um

Fortes manias tem certa gente!

ANUNCIOS

Tipógrafo

Precisa-se de um oficial na Tipografia
Viana, Largo da Sé Velha.

AUGUSTO BAPTISTA e
JOAQUIM DE CAMPOS
AVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.º

Relojoaria Comercial

Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60
COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre
para vender um completo sortido em
relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos
de relojoaria

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de produtos fotograficos
da Casa Foto-Bazar do Porto.

Crema dentifricio.

Especialidades farmaceuticas
nacionais e estrangeiras.

Instrumentos cirurgicos, etc.

Grandes Armazens do Chiado

Seções de Fanqueiro, lãs, sedas, mercador,
confeções, roupas brancas para homens,
senhoras e creanças, malhas de

Seções de Fanqueiro, lãs, sedas, mercador,
confeções, roupas brancas para homens,
senhoras e creanças, malhas de

ATELIER MODELO

sob a direcção de

Gertrudes Faustino

ROUPAS BRANCAS. PONTOS ABERTOS.

Rua Eduardo Coelho, n.º 96 - COIMBRA

SECÇÃO DE VESTIDOS PARA SENHORA,

SOB A GERENCIA E DIRECÇÃO DE

MADEMOISELE ESTER EGREJA

Ex-modista em Lisboa

Corte sistema francês. Modas e confeções.

Acabamento de perfeição impecável. Esmerada confeção.

MODICIDADE DE PREÇOS

C. M.

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE
Tabacaria -- Popolaria -- Lotarias -- Perfumarias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais -- Ilustrações

Revistas nacionais e estrangeiras

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas colleções em fantasia e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinais

Aguas ao copo

Deposito da Cevada do Cairo
Carimbos -- Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

IMPORTADORA

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos,
munições de caça e bem assim
uma infinidade de artigos indispensáveis
ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

A LUSITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

As mais completas officinas de marceneiro, polidor, entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro
MAGNÍFICO SORTIDO de moveis de ferro e madeira, estofos, colchoaria, oleados, tapetes, brise-bises, jutas, panos de mesa, etc.

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

mobílias são as confeccionadas

na LUSITANA

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros, Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

Barbearia Universal BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149

Coimbra

Telefone n.º 245

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfecção rigorosa de todos os utensilios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinaria comodidade

Empregados devidamente habilitados, podendo dizer-se afoitamente que tanto no paiz como no estrangeiro não póde encontrar-se uma casa congénere, que ofereça ao publico maior garantia de limpeza, seriedade, aceio e conforto. * * * * *

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau

Bicicletes B. S. A. e Peugeot

Maquinas de costura

Acessorios para tudo

Instrumentos musicos, musicas, etc.

Alugueis e vendas a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente das Companhias de Seguros

Comercio e Industria

— Economia — Garantia —

— Seriedade —

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia? * * *

Ide comprar ao único estabelecimento de mercador

que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 * Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECEMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12
GUARDA — Rua Alves Roçadas
COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19
CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44
FIGUEIRA DA FOZ — Praça da República, 8
SOURE — Rua do Relogio
LOUZÃ — Rua do Comércio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *

* Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras, luvas, gravatas, piugas e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Abilio Lagoas

COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritorio de comissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação

Vende passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre \$35
Estrangeiro \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações da que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normais e Primarias.

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que possui os mais modernos maquinismos, movidos a vapor, está pronta a executar todos os trabalhos gráficos, primando pela perfeita impressão em gravura e a cores

Trabalhos tipográficos em todos os generos

Impressão de revistas, jornais, lições, cartões de visita, envelopes, recibos, facturas, diplomas, papel timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA

A REVOLTA

Pela Pátria e pela República

Jornal Republicano Académico

ANO 4.^o DIRECTOR — Zacharias da Fonseca Guerreiro
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 25 de Dezembro de 1915

Propriedade do Grémio A REVOLTA
Composição e impr., TIP. LITERARIA — R. Candido dos Reis
EDITOR — SILVA RAPOSO

N.º 57

Rebate

O banquete que a actualidade portuguesa realizou, em honra dos aliados, tem para mim um significado especial. Acima de tudo provou-se nele, com eloquente sinceridade, que a Nação Portuguesa se encontra dedicadamente ao pé daqueles povos que heroicamente combatem o despotismo alemão! Nele tomaram parte individualidades de todas as categorias. Pintores e musicos, poetas e prosadores, marinheiros e soldados, todos apareceram nessa gloriosa homenagem, que tambem pode dizer-se nessa gloriosa jornada. Melhor do que nunca, encontrava-se ali representada a Pátria Portuguesa. Nesta festa de solidariedade todas as classes apareceram a confraternisar e solidariedadesar-se com a nobre e legitima causa comum! Era o povo legendario de tão gloriosas tradições que revivia; era a alma nacional vibrante de entusiasmo a manifestar-se ruidosamente e incondicionalmente pela bandeira da Patria e pela honra de Portugal! O oiro só pode comprar os canalhas; o jesuita só consegue empolgar os fracos e os tímidos. A nós não! A dentro da nossa terra não corre só veneno e miséria; serpeiam tambem regatos cristalinos onde o sol arranca lampejos de prata que cegam e que fascinam. Nem tudo é desgraça e corrupção. Ha ainda corações a bater e almas nobres a indicar o caminho da honra. Ha o heroismo da raça a palpar em fremitos de revolta, ha a mãe a cantar-nos epopeias de gloria, ha a tradição e ha a fé ardente e patriótica a apontar-nos o logar da luta e o campo do dever onde se vive ou se morre, mas honrando todo um passado, e porventura o mais glorioso que a historia pode registar.

Eu odeio a guerra. A sua monstruosidade provocou-me sempre os gritos mais ferozes de indignação. Mas, agora, depois do generoso sangue português ter corrido em terras d'Africa; depois de miseravelmente e o mais deslealmente possivel um exercito sem honra, bandoleiro e covarde, ter arrastado e calcado o pavilhão nacional e aprisionado os nossos militares; depois de sofrermos esse desgraçado revez que enlutou a Patria e enlutou o coração de todos os portugueses; depois de sermos enxovalhados e agredidos, eu sinto-me outro: e dentro de mim despertou a maior vingança: defendo a honra da Patria e o brio da Republica! Agora, eu amo a guerra. A nós não envergonha ela. A quem ela des-

honra e avilta é aqueles que miseravelmente a intentaram, movidos pelo desejo de engrandecer-se, matando e saqueando, incendiando e roubando. A estes, sim, envergonha e avilta. A nós não! Quando um povo se bate pela sua honra e pela sua independencia, a luta engrandece-o e nobilita-o. Poltrões! A nossa vez vai chegar. Nem o oiro nos corromperá nem a nossa fé ha-de enfraquecer. Somos portugueses. Em nossas veias corre ainda o sangue vermelho dos antigos batalhadores. Não somos mercenários; somos soldados! Vamos conscienciosamente para a guerra, a vingar os nossos irmãos, assassinados na defeza da Patria. Vamos defender a nossa honra ultrajada. O governo da Republica tem esta obrigação a cumprir. Quando os clarins soarem nos quartéis, todos ha-de aparecer nas fileiras. Não é uma questão politica; é uma questão nacional. E, por isso mesmo, ninguem ha-de faltar. Todos os portugueses devem ter o brio da sua raça e orgulho do seu passado; e, nesta luta, unica na barbaridade e na infamia, capitaneada e alimentada pelo jesuita, todos devem querer colaborar.

As verdadeiras dedicações não ha-de fazer-se esperar, estou certo disso. Elas sabem sempre aparecer quando a honra o exige. E se algum houver que, por medo ou cobardia queira ficar; se houver algum que se tenha vendido ou assalariado; esse, fique no meio da sua miséria e da sua traição. Nós, as almas sãs e incorruptas, saberemos ir de viseira erguida, a terras de França, ou onde o exigir o dever, desfaldar, aos quatro, ventos a bandeira da Patria, e levantar bem alto o nome de Portugal!

FERNANDES MARTINS.

MIUDEZAS

Vai um dia esplendido, cheio de sol, e adivinham-se donzelas sonhadoras colhendo violetas em canteiros, em ribanceiras orvalhadas, o perfume ensul desabrochando-lhe a alma surpreendida ante os vagos anseios dum virgem coração, desprendido o primeiro voo de amor. E funesto o perfume da violeta. Só de lembra-lo, me sinto dominado por um delirio místico, o impeto da rebeldia atirando-me á reivindicação duma vida nomada, liberto de obrigações que se elevam como um obstaculo ante a alma. Tanto amor e tanto supplicio!... As tuas violetas e os teus beijos, guarda-os, donzela! são para o teu noivo. Os meus desejos não maculam esses desejos, que a minha alma, tenho-a educada para não profanar. Guarda as tuas violetas, guarda os teus beijos.

Logo, amanhã, depois, o teu sonho será espinho. A natureza não dá violetas todo o ano... e só o primeiro beijo é um beijo. Tanto amor! Tanto supplicio!... Deslumbra o sol e a violeta perfuma os labios juvenis... Sou Sultão, donzela!... amo todos os encantos e todos os amores e nem todos os preconceitos, gerados pelo egoismo humano, podem cobrir-me de adorar-te, de fixar-te á minha memoria e viver duma ilusão. Tanto supplicio! Este miseravel, agulhoado a uma concha de vintém, e chupando um encorilhado paivante, vai proseguir na análise dum trapo tecido por jesuitas e saboreado por um lente de fisica da Universidade de Coimbra, o sr. Dr. Henrique Teixeira Bastos.

Fructos da Santa Missa é o titulo do primeiro artigo da segunda pagina das Leituras Christans, a que se dedica o dito professor. Desta quemos um periodo edificante:

«Dois officiaes do mesmo officio habitavam a mesma cidade. Um estava carregado de numerosa familia; o outro era só, com sua mulher. O primeiro tinha como dever o assistir todas as manhãs á missa em que recomendava com fervor as suas necessidades espirituais e temporais. O outro, pelo contrario, pura não perder um só instante do trabalho, nunca apparecia na igreja durante a semana; até ás vezes faltava á missa ao domingo, sob pretexto de que a obra não deixava. Entretanto, o primeiro prosperava, em tanto que o segundo permanencia na indigencia».

Que indignidade de palavras! que torpeza de pensamento! que nojo a certeza de que um lente de fisica possui uma moral tão vil! infamia da cátedra! infamia da sciencia!

Que o paiz detenha os olhos sobre esta miséria e se precaveha contra a geração mesquinha das escolas de Coimbra!

Tinha como dever: eis aqui o creó ou morres do jesuita.

Missa: eis aqui uma invenção do jesuita, que nunca existiu no christianismo, e que eles astuciosamente fundamente naquelas palavras: — quando vos reunirdes em meu nome, eu serei convosco».

Espirituais e temporais: daqui se vê que o jesuita persiste na defeza do predomínio politico.

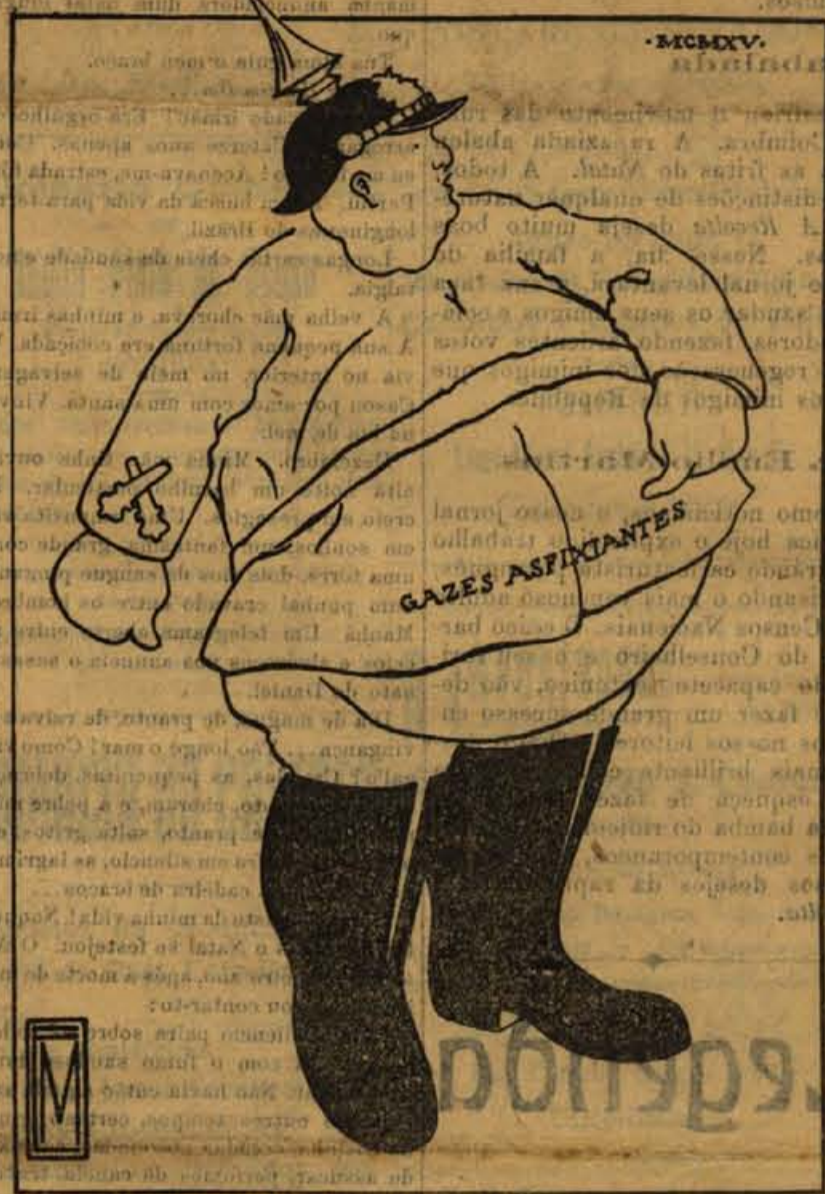
O primeiro prosperava: eis uma inovação que a rapazada de A Revolta não é capaz de encontrar nos livros do sr. Marnoco e Sousa, nosso professor de Economia.

Eis aqui uma verdade professada pelo professor de fisica: — «A missa faz enriquecer, o trabalho empobrece». Boa teoria! que apenas pode aspirar á justificação da vida airada da padre e da jesuitada, que vivem do roubo e do assalto pelas estradas, com caixinhas das esmolas.

A REVOLTA

Vende-se, na alta, na Casa Feliz; na Baixa, nas Tabacarias Crêspo e Tomás Trindade.

Zé Maria — Artilheiro



(Desenho do Dr. Emilio Martins)

Ao seu grande Kaiser

Gazoso preto

Final vai decidir-se
Da Europa o tal chinfrim:
Aêre á causa d'Alemanha
O Von José d'Alpoim.

Nasceu humilde, na Rêde,
Foi chefe da Desidencia,
No Douro, foi vinhateiro,
Foi conselheiro, excelencia.

Foi cultivador de letras,
Nas colunas do Janeiro,
Padeceu do mal da gota,
Tem inchagão no traizeiro.

E tambem foi director
Da famosa Companhia
Alemã, que, por sinal,
Lisboa, a gaz alumia.

Más manhas adquiriu
Nos tempos da monarchia,
Que, na arte de Galeno,
Se chamam gastronomia.

Troços, o ar, os calhaus,
Tudo que visse enguliu,
E até o proprio gaz
Da alemã Companhia.

Dum ventre quatro meninos
Bate em sébos o record,
Dorme, examinando a têlha,
Pra mijar, mija de cór...

Mas nem urinas, nem sébos,
Nem meninos ensacados!
Aquilo é bomba de...
Pra fazer alidos f...

Factos e comentarios

Dignos patriotas.

Da Nação:
«humilhante para a dignidade da nossa Patria».

Por quem N. Senhor nos manda avisar... Aquilo foi engano. O que a Nação queria dizer era «dignidade da nossa Pata», não é verdade?...

Na «Revolta»

Recebemos a visita do *Vilarealense*, velho semanario, que, sob a direcção do simpatico jornalista Estanislau Correa de Matos, se publica em Vila Real de Tráz, os Montes. Sobremaneira honrosa pa-

ra nós a visita do velho camarada, registamos a permuta em nossos livros, tomando essa amabilidade como incitamento para os mais vivos combates em defeza da Republica, aqui ameaçada pela mais vil geração de beatos e jesuitas, habilmente preparada para um futuro assalto á nacionalidade republicana.

A Historia

Embandeiraram em arco, as gazetas monarchicas, em virtude da admiração que pela civilização alemã alguns jornais estrangeiros attribuem ao sr. Presidente da Republica. Não é caso para isso. Sabe-se da Historia do antecessor, que, quando um presidente qualquer trepa sobre a vontade nacional, em breve tem o pago de seus abusos.

A' "Montanha"

A Montanha, diário do Porto, pede com interesse a finésa de lhe indicarem os nomes dos oficiais que na hora difícil da prova nacional se eximam cobardemente aos seus deveres. E' facil. Acabamos mesmo agora de ler um desses nomes num periodico qualquer: Dr. Augusto Rua, professor do Liceu de Vila Rial, deputado encravado da fornada ditatorial, talassa como curro, e alferes miliciano. Tem bom corpo, metro e meio d'altura, mas como era alferes por uma simples economia de tantos por cento nas linhas ferreas do Estado, pediu agora, cobardemente, a sua exoneração. Cremes que toda a imprensa republicana tem o dever de apontar ao povo estes nomes vergonhosos.

D'abalada

Resfriou o movimento das ruas de Coimbra. A rapaziada abalou para as fritas do Natal. A todos, sem distincões de qualquer natureza, a Revolta deseja muito boas festas. Nesse dia, a familia do nosso jornal levantará, a sua taça para saudar os seus amigos e colaboradores, fazendo ardentes votos pela regeneração dos inimigos que são os inimigos da Republica.

Dr. Emilio Martins

Como noticiámos, o nosso jornal publica hoje o esplendido trabalho do grande caricaturista português, satirizando o mais venenoso adulto dos Censos Nacionais. O epico barrigo do Conselheiro e o seu furi-bundo capacete teutonico, vão de certo fazer um grande successo entre os nossos leitores. Que o nosso mais brilhante colaborador se não esqueça de fazer dançar na corda bamba do ridiculo os degenerados contemporaneos, são os calorosos desejos da rapaziada d'A Revolta.

Legenda

Enravada em dois outeiros do Marão, a dois tiros de pistola da estrada, e ás escondidas num soito secular, ficava o Gorgorão. E' uma aldeia pequenina o Gorgorão? duzia e meia de fogos, dois canstros, uma ermida, penedia e alguns calços viridentes, disputados com heroicidade á serra-ria espraçada nos horizontes, um mar revoltado, petrificado ao nascer do mundo, um pinheiro aqui e alem, vergado pela neve e pelo vento, mastreações agonisantes de barquinhas naufragadas... A recoveira, uma bruxa de cem anos, enrugada como um figo e rija como o aço, sabedora de antigas anedoctas, ligava o Gorgorão ao universo. Afóra isso, o Gorgorão era uma terra de pastores, pequeninos lavradores; agasalhava-se em aventais de estamemha, colmo nos telhados, alumia-se com o Sol e as lareiras, acesas com isca de algodão e fungos de castanheiro, um fuzil beliscando rijo em migalhos de seixo branco. Ignoro ainda o misterio singular da saudade por tão miseravel terreola, tão miseravel! que hoje me dá a impressão dum mendigo louco e foragido, esmolando, em orações, ás fragas, o pão da sua fome. Era pequeno ainda: uns oito anos de habeiro e livro de vintem, e fazia pocinhas na lama da estrada. Saudosos tempos! Vinha da escola. Cambaleiam, a meu lado, dois homens desconhecidos, um deles tocando numa gaita de folés maravilhas extravagantes. La encantado. Paramp. Despedem-se. E da sua conversa misteriosa, eu poude ouvir: — Vou a Gorgorão... A' minha frente, a gaita de folés desprende melodias do país do sonho e da magia. Tive medo, o medo frio dos grandes crimes! Declinava uma tarde de Dezembro. Gorgorão! Gorgorão! dizia o eco agourento da serra. E eu tinha medo... Gorgorão lembrava um bando de aguias pretas, aguias gigantes e assassinas, um bando enorme, que houvesse arrebatado um anjo, para o comer nos pinos longínquos da serra abandonada, ouvindo-as regingar pelas alturas em clamor de malignidades: — gorgorão! gorgorão!!!

Saudosos tempos! Dez anos dohados, e então me foi dado conhecer um debil moço daquela terra, que a morte surpreendeu num seminário. A familia queria um padre no bohemio que fazia comigo as serenatas e cujos dedos mais abençoados que, por madrugadas da minha terra, dedilharam cordas de guitarra. Saudoso companheiro de bohemia! — e minha saudade, evocando a tua alma, pede a lenda que me contaste na derradeira serenata. Eras de cal nessa noite e a tua grenha descuidada ondeava ao vento, sublima vagabundo! Dentro de ti andava a morte, furandote os pulmões, e a tua voz unida a fados descuidados, parecia duma sombra funerea, e teu corpo uma lembrança dissipada, tão magro e exangue, nma vida evaporada como um perfume, ao clarear da manhã anunciadora dum natal longínquo... Tua alma guia o meu braço. — Ter um tim tim... Desgraçado irmão! Era orgulhoso e arrogante. Catorze anos apenas. Como eu me lembro! Acenava-me, estrada fóra. Partiu. Ia em busca da vida para terras longínquas do Brazil. Longas cartas cheia de saudade e nostalgia. A velha mãe chorava, e minhas irmãs. A sua pequena fortuna era cobiciada. Vivia no interior, no meio de selvagens. Casou por amor com uma santa. Viuvou na tua de mel. Dezembro. Minha mãe tinha ouvido alta noite um barulho particular. Eu creio em presagios. Uma imansita vira em sonhos, um fantasma, grande como uma torre, dois rios de sangue pingando dum punhal cravado entre os hombros. Manhã Um telegrama aberto entre recejos e alvoroços nos anuncia o assassinato do Daniel. Dia de magua, de pranto, de raiva e de vingança... Tão longe o mar! Como vingal'o? Creadas, as pequenitas, debruçadas a um canto, choram, e a pobre mãe, numa crise de pranto, solta gritos, e o meu velho, sofre em silencio, as lagrimas fio-a fio, numa cadeira de braços... Dia mais triste da minha vida! Naquelle lar não mais o Natal se festejou. O Natal do primeiro ano, após a morte do meu irmão, eu vou contar-to: Luto e silencio paira sobre as telhas de envolta com o fumo saudoso duma ceia vulgar. Não havia então aquella azafama de outros tempos, certos ruggido na cozinha, creadas atarefadas, cartuxos de assucar, perfumes de canela, travessas de bolos, de creme torrado, arroz doce, orelhas de abade, sonhos, poivo, pescada couve e batata, ovos em fio, confeitos, pinhões, um perfume sagrado das pinhas mansas a torrar no lume, e as crianças disfarçando o apetite para cair como abutres nas doçuras... Nada disso! — a saudade, a dor, os mais pequeninos, cheios de tristeza, sem a sua festa; apenas uns confeitinhos sujos e delambidos entre mãos, joganda tristemente, a um canto, o par e o pernao, para em breve catrem de sono, junto das bonecas... Estava na sala grande. Acompanhavam-me as quatro irmãs mais velhas. O Natal — (comecei eu) — é uma velha lenda dos tempos orientais, mais tardé aproveitada e desfigurada pelo christianismo. Os Magos, velhos sacerdotes persas, representavam o mundo por um ovo dividido em doze partes: nas primeiras seis imperava o genio do bem, Ormuzd; e, nas restantes, o genio do mal, Abrimam, que compreendiam o buttone e o inverno. Esta fabula cosmogonica tinha ainda outra variante entre os magos: do infinito nasceu o finito constantemente renovado e dividido em doze mil pequenas partes, seis pertencentes ao bom principio e seis ao mau. Cada uma dessas divisões millesimais correspondia a um dos signos do zodiaco; os seis primeiros abrangiam os seis primeiros mezes do ano. Era o bom tempo. Depois do setimo signo começava o mau tempo, o reinado do genio do mal. E' depois do solsticio do inverno que o sol, caminhando e crescendo aparentemente principia a anunciar uma nova estação, vivificadora: a primavera. Os dias, são mais pequenos, o sol está infante, menino. O nosso povo diz ainda na canção das janeiras: — Vinde ver o Deus menino Que nasceu pra vovco bem. Esse menino que, no Christianismo é Jesus aparece no momento em que os dias começam a aumentar. Jesus é o menino, e o menino é o Sol. A festa em honra do menino chama-se Natal. Natalis inveni (em Roma) o nascimento do innocenti. A Igreja romana copia a lenda persa.

— Telo! — diz minha irmã. Um relampago, acompanhado dum trovão enorme abalara os vidros. O Bailão, um doido esfarrapado dali perto, não dá uma porta fronteira uiva numa voz de sepulchro: «Por entre fantasmas semelhante um monge...» A minhas irmãs invade-as o medo; tornam-se volateis, como sombras e com os olhos num espanto e um segredo nos labios olham o doido... Relampeja! Tola! e os montados respondem em ecos tenebrosos... A chuva para. O trovão acalma. Rompe o sol. E pela imensidade parece-me ainda escutar os farrapos do Bailão e a sua voz desvaída diluida no raio, cantando os fantasmas sepulchrais... funereos companheiros daquela noite... Coimbra, 24-XII-XV.

MARIO LYRA

Floro Henriques Em virtude dumas insinuações feitas pelo Delegado do Procurador da Republica, a este velho, e intemerato combatente, que em todos os tempos soube afirmar a sua fé republicana, este nosso amigo acaba de requerer uma sindicancia aos seus actos. E' para lamentar que certos republicanos especuladores e mascarados, tão vilmente se entreguem ao sport da perseguir aqueles que, sem maculas de qualquer natureza, usufruem uma reputação exemplar.

A' garrócha

E' fantastico! O troca-tintas do Pimenta, com o juizo cada vez mais perdido, pontifica no Dia, outra vez com um artigo que, á primeira vista, parece ajustado. Mas, chegando a certos pontos vê-se a olho nu, a grande avaria cerebral. Ora leiam: «E fantastico! Porque um tal sr. Jean Finot que renegou a sua patria...» A um cidadão que se naturalizou francez chama o Pimenta: um renegado. Como chamaremos nós a um bandalho que realmente renegou a sua patria? Dado que fóra verdade, até lembra logo aquele pedaço de filosofia popular do argueiro no olho do visinho. E' realmente fantastico!

O homem da "Mascara"

Com o nariz vermelho como um tomate, o homem da Mascara passou por aí abaixo, cantando, cheio de presa: Bem o préga frei Tomaz, Está um raio dum tarou Qu'infeliz fui não nascer Com nariganga de pau. Para a mão creou-se a luva Para a breva, o aranca Para o pobre do nariz... Engasgou-se. Um gaúdo que passava, apontando o com o dedo, terminou a rir como um doido: Ah, Ah, Ah, Ah, Ah!!!

Falseando

Com umas luzes de instrução primaria nota-se logo a má fé com que, sem a menor sombra de pudor politico, civico ou profissional O Dia pretende envenenar a consciencia alheia. Ora veja-se: «mostra do teor dos telegramas que elles foram expedidos em nome dos representantes do senado e doutros corpos officiaes e tambem em nome de todas as classes sociais, o que não é menos para admirar...» Este é o comentario deshonestissimo ao seguinte telegrama: «Representantes do governo, camara dos deputados, senado, exercito, marinha, municipalidade e todas as classes sociais reunidas em banquete, renovam a sua solidariedade com a causa dos aliados e transmitem os seus agradecimentos á imprensa estrangeira pela justiça que faz a Portugal.» E' uma fraude bem imbecil e repugnante, não é verdade?

Solução

Reunido o concilio universitario para resolver quais as insignias com que distinguir-se dos mortais, e após uma longa divagação por todos os catalogos de modas a partir da Renascença, nada se assentou de definitivo. Como se vê, a questão é por todos os motivos duma elevada importancia, pois, se alguns leigos afirmam que o habito não faz o monge, a sebestia força-nos a concluir que um burro sem albarda é mais insignificante. E como o problema está a prêmio, e nós reputemos uns rapazes com cabeça, vamos reflectir: O Dr. Fezes Vital usará uma corôa de carvalho sobre a fronte e alguns... cravos nas mãos: carvalho é simbolo de... civismo e os cravos... de martirio. O sr. Dr. Colaço usará uma grinalda de lanjeira, simbolo da... virgindade. O sr. Pinto Coelho uma figa de gente ao peito. Todos sabem a virtude deste objecto e principalmente os talassas para agradecerem á Republica. E o sr. Carneiro Pacheco, com o seu tic de viuvo alegre e olho chorinca, usará, usará que lhe darei eu, um figo rachado na dextra que era a insignia de Astartea. O resto da malta, para honra da elegancia Universitaria, adoptará... capotes do Alentejo para ajudar as industrias nacionais.

Fernandes Martins

Para Mortagna, em goso das ferias do Natal, partiu, na passada segunda feira, este nosso presado amigo e distincto colaborador, a quem desejamos muito boas festas.

O Catholicismo, a Razão e a Moral

Este tema é vastissimo, tratandoo profundamente, com verdade e justiça. Dificuldade, é não pequena, já é tratar d'assuntos religiosos e mui especialmente se o objecto é a religião catolica embrenhada numa filosofia apropriada, cheia de metafisica, organizado todo o seu vasto campo theoretico num bem dimensionado corpo de doutrina onde a verdade é de tal modo enlaçada com a mentira, a historia com a lenda, que tudo constitue um labirinto mui mais arredado do que o de Creta, ficando o architecto Dedalo mui inferior aos teologos e padres de Igreja. Mas não é só a vastidão do assunto e o embrenhado da sua contectura: a exiguidade de um periodico, como este, a aridez do assunto, e a quasi certeza que pinguem lê, são outros tantos elementos de desanimo para quem, em tais condições, val escrever sobre o assunto. Todavia, convidado pelos leais companheiros, não posso inibir-me a contribuir com o meu obulo para a nossa Revolta. Irei, através do nosso desassombrado periodico, projectando alguma luz sobre a religião catolica. Não julguem, porém, que se me occupo da religião catolica, com isto eu mostre estar convencido que as demais não devam ser combatidas: de forma alguma; mas combatamos a mais bem apetrechada e a aquella cujo perigo é actual, que as restantes em nada nos importam de momento. Eu estava para seguir nesta critica, uma ordem logica indutiva ou deductiva, conforme; o ter visto acorrerem beatos e beatas para o vetusto templo de Santa Cruz, e por ter sido informado que iam á novena da Senhora da Conceição, occasionou que eu variasse o plano da critica: — começo pelo dogma que a Igreja solemnisou no dia 8 deste mês, — pelo dogma da Imaculada Conceição de Maria. Eu suponho que os senhores não sabem o que isto seja, quando foi definido, em que circunstancias, assim como 99,5% dos fieis que vão devotamente á novena e não sabem tambem, o que certamente será levado em desconto dos pecca-

dos dos senhores, que são profissionamente ateus. Muito menos os senhores e os beatos jámais pensaram na estupidez do dito dogma e, assim tambem no quanto de imoral é o conceito que ele traduz. Vou contar o expôr as conclusões logicas, irrefutaveis. Foi o papa Pio IX, que governou a Igreja de 1846 a 1878, e que era nem mais nem menos do que o cardeal Mastai Feretti, bispo de Imola, quem definiu o referido dogma na Bula — «Ineffabilis» — e peço «Supremo suo atque infallibilis oraculo» — como se diz no officio da festa da tal Imaculada. Eu não sei se os senhores sabem que as bulas (carta bollata) documento selado com bola de cera ou chumbo — (sub anulo piscatoris) — se designam pela primeira ou primeiras palavras, e que, na verdade a dita bula começa bem — Ineffabilis, — inefavel — aquilo que se não pode falar. Assim devera ter sido. Para decôr da Igreja, para honra dos eminentes protagonistas da religião, o Papa jámais deveria ter definido tal dogma. Já não é nada moral o modo como a Igreja conta a procreação do Christo: é até um assunto tão pernicioso para a educação, especialmente das meninas, como a frequência dos Cinemas; quanto mais vir ainda o Papa produzir mais uma agravante nos crimes familiares que nós já sabíamos perpetrados no lar onde nasceu o Christo, o grande reformador, o fundador da Religião que pretendem inculcar-nos e por cuja causa tanto sangue tem corrido, tanto entrave se tem posto á civilização. A mãe do Christo, apesar de casada com o pobredito do José, carpinteiro de Nazareth, teve, e na constancia do matrimonio, o filho, sem que o marido para ali metesse prego ou estopa: foi o Espirito Santo que, tendo tanta rapariga solteira, veio exactamente procurar e seduzir aquella que era casada com o manso operario! A religião catolica é portanto menos moral do que as pagãs. Jupiter enamorou-se de Danae e desse amor nasceu Perseu; enamorou-se de Alomena e a seu tempo nasceu o latagão de Hercules; mas Danae e Alomena eram raparigas solteiras: Jupiter foi decente, foi correcto e o Espirito Santo não o foi. Do amor entre Apolo e Clime nasceu Phoetrio, mas Clime era livre, não tinha jurado fidelidade a ninguém. O dogma da Imaculada ainda vem tornar mais carregadas as cores. Segundo essa afirmação da Igreja, a mãe de Christo, Maria, fóra gerada e concebida sem a macula original — Maria sine macula original concepta. Isto é, foi tambem concebida do Espirito Santo! Portanto, o maroto do Espirito Santo, depois de ter enganado o marido da mãe de Maria e ser o pai natural desta, veio ainda a seu tempo, enganar o pobre José, o carpinteiro, fazendo conceber á propria filha um filho, que foi o Christo! E' isto decente?! Pode uma familia que tenha alguma noção de pudor levar as suas filhas ás festas da Imaculada? E, se as raparigas forem curiosas e ladinas, como háo de os pobres papás, na sua generalidade ignorantes e de espirito fraco, explicar-lhes aquélas trapalhadas?! Mas, com todos os diabos, se, na verdade, os casos se passaram como a Igreja diz, ao menos callem-se, tanto mais que não ha necessidade de estar a falar nas paternidades da Sagrada Familia; lá estava o Direito de Romá, em cuja posse a Judeia jazia por esses tempos, para nos deixar dito que esses personagens tinham pais. «Pater corum is fuit quem justae nuptiae monstraverunt... e estava acobada a celeuma. ACÁDEMOS. Falta de espaço Por absoluta falta de espaço, somos forçados a adiar para o proximo numero um artigo intitulado: Cartas d'Aldeia, resposta ao nosso presado colaborador da Secção Flogica, C. M. Que nos seja relevada esta falta, p. A. da Silva...

As colunas do nosso jornal ficam á disposiçáo de todos os estudantes republicanos

OS NOVOS

(Carta a Albino Forjaz do Sampaio)

E lida a sua crónica dos *Aspectos & Impressões na Lucta*, n.º 3580, vá de projectar a incisão da sua verbórrea. V. vai rejubilar nas arcadas alfacinhas porque um coimbrão lhe erguen a luva á gazetilha pugno. Mas convem registrar como preindio, não irei até á bisbilhotice da sua obra como V. alcoçou desejos. Conversaremos a sós e nada de béstas esfolladas; mande ao diabo o seu Tiberio, esse archonte barbaçado e septicó.

O grito petulante da sua crónica, negando o esforço gestivo da arte de amanhã, recorda o desespero de Barrés preguntando, ha dias, sem fé, onde estavam as moças esperanças que haviam de glorificar na arte a sua França Martir e Vencedora, Barrés desoreu das esperanças artisticas francezas; V. negou os novos portugueses.

Os novos, precisamente porque o são, não os encontra V. e apraz-me reconhecer a fidelidade da sua ótica, mas nunca a conclusão horizontal da sua logica. Os novos existem, os novos do talento, da vida, das revoltas e dos entusiasmos. V. negou-os. Muito bem. O seu erro é uma falta bíblica atribuída a discípulo Pedro, negando o Mestre, quando se acentava ao lume no atrio de Caifaz. E, portanto, falta perdoadada. Mas V. insultou os novos, os novos que V. insinuou raça de eunucos acobardados, de sangue de capilé, sem o entusiasmo viril das irreverências que boquiabrem as cavalgadas e escarracham o impudór na giba espinal do senso comum; os novos a quem V. só atribue o engenho linguístico de redacções mangas-d'alpaca em papeis selados de pretendente.

Cumpr-me, por desafrenta a todos os vinte anos das artes, sem pretender fazer da minha pena choup de magarefe, protestar contra a oftalmia da sua ótica e a competência da sua análise de gazeta.

Porque V., um trinca-fortes e um shopenhaneriano de bitesga, um exhibidór snob do calão e do estercor dos *bas-fonds* alfacinhas, um *bande-lairiano* da miseria tórpe da noite e dos enxaguões, não tem razão intelectual para julgar a minha geração dessorada e reles.

V. tem a sua arte bem focada, nos seus motivos preferidos, mas nunca deve aquilatar das variantes á sua face. En sei: V. não corrompe, estimula os esforços. Nada como o chicote para despertar a condição escrava da basofia assenhorada. Mas a sua terapeutica violenta e por vezes injusta, deve causticar somente os arcaíços encorçados e não a cutis leitosa a penujar.

Fialho apavorava-se quando considerava uma libidinosá violação duma virgem. E' o mesmo horror a tudo o que baba uma florescencia. V. goza a volúpia da macula.

Ora a Arte, como V. sabe pela autoridade de Taine, além das condições dum terreno e do estado atmosférico, tem a influencia dos costume e do estado geral dos espiritos. Como quer, então, neste estado unico de neurosismo transitório, os novos criem, digam enormidades e escoicinhem numa boémia de espirito e de arte? Como quer V. que os vinte anos abram novos oasis neste deserto de *aficionados*, guindem as formas e as ideias a concepções mais perfeitas, saltem á publicidade, de esperas nas prateleiras e de azinheiro nas mãos a varrer a testada do arraial, no momento desastrosado duma cobardia que não é nossa, em que vemos uma geração ser aniquilada, a mocidade esperançosa cometer desvarios por uma causa sagrada, ser heroica e sublime por esses campos de sangue, sem que possamos levar-lhe a companhia que requiere a solidariedade dos espiritos?!

Um dever moral e intelectual não debelada entrança todos os vastos projectos que essa gente moça começava a demandar.

V. que deambulou uma noite inteira pelas arterias gangrenosas de Lisboa vasculhando, escondado de policia, as sordidas alcateias do vicio, sinistrisando o fim dos esforços colossaes da gente suja; V. que um dia despresou a volúpia sybarita dum lóth-vagon para, arremangado, beijado de fogo, atulhar de caryão a guela incandescente da maquina que o arrancava; V. que sabe chorar lagrimas de raiva pelos esforços derruídos, saiba timbrar o seu grito de entusiasmo pela persistencia heroica dessa mocidade que se bate pela França e açoite como um *knout* sanguinolento a sua palavra, para que os novos portugueses abafem as maquiavelicas dissidencias e o seu dever de moços cumpra a voz do seu sangue que é a voz da sua raça.

Sobre Arte!... não, V. não negue a geração porque os artistas de amanhã serão os estigmatizados do sangue e do fogo.

Mas, deixe-me V. supór que o não satisfiz pela razão acima e que os novos não se revelam porque não existem.

V. procurou-os em Coimbra, em Lisboa e no Porto sem os enxergar. V. considerou o saudosismo do Pascoais e rotulou-o de zurrapa: foi a Coimbra, andou um pouco de *Galera* e achon-lhe as molas rijas; alijou té Lisboa e vitrificou-se a olhar os panis do Orfeu. Muito bem. De tudo isto eu concluiu dando-lhe razão. Mas V. não se limitou a dizer isto, foi mais longe: afirmou que não havia talento, nem vida, nem revoltas, nem entusiasmos. Concluiu mal. E concluiu mal porque em todas as cidades em que fez diogenismo de lanterna acesa e de má vontade na algibeira, ha novos de talento, de vida, de revoltas, de entusiasmos e de muito mais.

Não são a Águia, a Galera e o Orfeu as bocétas onde se encerram as virtudes que você nega. Mas, em todas essas publicações existem estas virtudes em alguns dos seus colaboradores.

A Águia e o Orfeu, onde a sua Arte é e foi feita de encomenda, por principios dum corifeu e normas unissonas, como quem faz um calenbur, revelam competencias individuais que V. não contestará. Sobre a *Galera* outro é o caso.

Para falarmos deste devo dizer que para uma publicação de esforços colectivos, devem aproveitar-se afinidades espirituais e orientadoras; haver na reduzida arcada duma revista uma visão comum do objectivo artistico e educativo saída da coesão dos pareceres e não á maneira de *ukase* á Pascoais ou á Fernando Pessoa. Na *Galera* nem uma nem outra coisa houve. Foi uma babel de *gá-gáismos*; cacafonias esforçando-se na procura dum lámiré.

Por isso a sua queda foi mais desastrosa. Morreu sem um epitáfio. Mas insiste; nem tudo foi zurrapa.

Eis V. a minha resposta que por mal achavascada não desmerecerá de qualquer coisa honesta.

Deixe-me agora rematar com um *rabo-leva* conselheiral.

V. disse não sei onde que não podendo ser o primeiro dos *chics* exteriores, tinha abdicado do *cóрте* decorativo para ser, ao menos, um dos ultimos. Pois neste culto da incompetencia alheia, em que o mais sordido bigorrilhas é sempre um dos primeiros, verminando qualquer coisa de viril e forte que ainda por hi haja manguitando os lórpas; neste fogo de bisbilhotice reles em que nenhuma bestia, á maneira de Eneas, carregaria a porto de salvamento com a cavalgada progenitora; eu faço-lhe a justiça de o não poder carubar com o n.º 1 em qualquer destas profissões, por V. ser simplesmente um irritante e não um irritado.

Resta-lhe abdicar deste campo de trabalho onde a concorrência de competencias é colossal. E para entretém, para desfastio, para originalidade, já que os motivos das suas crónicas são tão pandegos, escreva V. sobre a não existencia dos antipodas.

CAMPOS d'ALENQUER

Interesses locais

Recebemos copia dum abaixo assinado que um grupo de proprietarios e moradores da Avenida Navarro desta cidade enviou á Comissáo Municipal.

Neste se fazem reclamações que são justas e que por isso mesmo merecem ser tratadas com toda a boa vontade e interesse.

CRUZ VERMELHA

Previnem-se todas as pessoas que desejarem fazer parte do *Corpo Activo* da Cruz Vermelha, que está aberta a inscrição, na Tabacaria Andrade, rua Ferreira Borges, até ao dia 27 do corrente.

Coimbra, 16 de dezembro de 1915.

O Secretario, Idães Junior.

COMUNICADOS

Economia e elegancia

Pegou em Coimbra a moda do *capote alemtejanu*, com pele de raposa. Nenhuma invasão da moda mais louvavel, em virtude do grande coefficiente de racionalismo e bom gosto que a explica. O *capote alemtejanu*, artisticamente confeccionado na *Casa Alemtejana*, de Bernardo J. Naia, em Evora, além de obter-se por metade do preço dum sobretudo, é um melhor agasalho contra o frio e a chuva, e dum elegancia á antiga portuguesa. Além disso, a *Casa Alemtejana*, não se valeu da Guerra Europeia para elevar os preços da materia prima e mão da obra. Os preços mantiveram se fixos e manter-se-hão apesar de tudo. E' pois, facil explicar o triunfo do *capote*. E como as peles de raposa vão diminuindo no Alemtejo, a *Casa Alemtejana* pensa em importar desta cidade essa mercadoria. Emfim: atravessamos uma febre de *capotes*.

CRUZ VERMELHA

A direcção da Delegação da Cruz Vermelha em Coimbra pede-nos a publicação da seguinte declaração:

Tendo chegado ao conhecimento da Direcção que algumas pessoas mal intencionadas fizeram propalar o boato de que ainda não havia Direcção e de que se tinha dado um desfalque nesta Delegação, a Direcção da mesma vem por este meio declarar que é uma balunia tudo quanto se diz e que os seus fundos estão depositados na Caixa Economica Portuguesa, deposito n.º 8447, á ordem do seu Tesoureiro, assim como mais declara que os seus corpos gerentes foram eleitos pela Comissáo Promotora, em 20 de Outubro de 1915, dando o seguinte resultado:

Direcção

Presidente, Guilherme Teles de Menezes; Secretarios, José Pinto Idães Junior e José Cabral; *Tesoureiro*, José Maria Mendes d'Abreu; *vogais*, Silyio Pellico Ferreira Neto, Fausto Donato, Pedro Bandeira, Horácio Batista de Carvalho e um Delegado da Associação Cmercial.

Conselho Fiscal

Presidente, Luiz Maria Rosete; *vogais*, Francisco Pedro de Jesus e Carlos Balbino Dias.

Coimbra, 16 de Dezembro de 1915. Pela Delegação de Coimbra. — Os secretarios, José Pinto Idães e José Cabral.

ANUNCIO

Nesta redacção se compra um exemplar do n.º 7 de *A Revolta*. Carta á redacção, iniciais A. M.

ANUNCIOS Tipógrafo

Procura-se de um official na Typografia Viana, Largo da Sé Velha.

AUGUSTO BAPTISTA e JOAQUIM DE CAMPOS

ADVOGADOS

Rua da Sofia, 15-1.º

Relojoaria Comercial

DE Adolfo Pinto de Sousa

Praça do Comércio, 60 COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria garantindo os relógios vendidos ou concertados.

FARMACIA DO CASTELO

Depósito de productos fotograficos da Casa Foto-Bazar do Porto.

Creme dentifricio. Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras. Instrumentos cirurgicos, etc.

Grandes Armazens do Chiado

COIMBRA

Secções de Fanneiro, lãs, sedas, mercador, confecções, roupas brancas para homens, senhoras e creanças, malhas de lã e algodão, calçado, luvaria, gravataria, camisaria, retrozeiro, louças, vidros, moveis de ferro e mobílias para salas de visitas, quartos e salas de jantar.

ATELIER MODELO

sob a direcção de

Gertrudes Faustino

ROUPAS BRANCAS. PONTOS ABERTOS. Rua Eduardo Coelho, n.º 96 — COIMBRA

SECÇÃO DE VESTIDOS PARA SENHORA,

SOB A GERENCIA E DIRECCÃO DE

MADEMOISELE ESTER EGREJA

Ex-modista em Lisboa

Corte sistema francès. Modas e confecções. Acabamento de perfeição impecavel. Esmerada confeccáo.

MODICIDADE DE PREÇOS

Tomás Trindade

COM ESTABELECIMENTO DE

Tabacaria — Papelaria — Loterias — Perfumarias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

Jornais — Ilustrações

Revistas nacionais

e estrangeiras

POSTAIS ILUSTRADOS

Lindas collecões em fantasia

e vistas de Coimbra

Deposito de aguas Minero-Medicinais

Aguas ao copo

Depósito da Cevada do Cairo

Carimbos — Cartões de visita

COIMBRA

Largo Miguel Bombarda, 13, 15 e 17

Telefone n.º 559

IMPORTADORA TELEPHONE N.º 350

Cipriano Leão & Comp.ª

Importação directa

De cutelarias, ferragens finas, armamentos, munições de caça e bem assim uma infinidade de artigos indispensáveis ao uso doméstico.

Rua Ferreira Borges, 52

COIMBRA

A LUSITANA

JOAQUIM CRISOSTOMO DA SILVA SANTOS

Officinas: Patio do Castilho — Telefone n.º 487

ARMADOR ESTOFADOR

Grande sortido de moveis de ferro e colchoaria.
Fazem-se orçamentos para mobiliários completos.
Responsabilidade efectiva
pelo perfeito acabamento de qualquer mobilia.

As mais elegantes, lindas e sólidas

**mobílias são as confeccionadas
na LUSITANA**

MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se Estores, Sanefas, Reposteiros,
Estores bordados.

CASAS DE VENDA E EXPOSIÇÃO

R. de Quebra Costas, 2 — R. Fernandes Tomaz, 1 a 11 — COIMBRA

As mais completas officinas de marceneiro, polidor,
entalhador, torneiro, estofador e colchoeiro
MAGNÍFICO SORTIDO
de moveis de ferro e madeira, estofos,
colchoaria, oleados, tapetes, brise-
-bises, jutas, panos de mesa, etc.

Barbearia Universal

BAZILIO DINIZ

147, Rua Ferreira Borges, 149

Coimbra

Telefone n.º 215.

O primeiro estabelecimento do paiz

Perfumarias nacionais
e estrangeiras

ESCRUPULOSO ACEIO

Desinfectão rigorosa de todos
os utensilios que servem aos clientes

Casa luxuosamente mobilada

Extraordinaria comodidade

Empregados devidamente habilita-
dos, podendo dizer-se afoitamente que
tanto no paiz como no estrangeiro não
póde encontrar-se uma casa congénere,
que ofereça ao publico maior garantia
de limpeza, seriedade, aceio e con-
forto. * * * * *

Casa I. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — COIMBRA.

Pianos Gaveau

Bicicletas B. S. A. e Peugeot
Maquinas de costura

Accessorios para tudo

Instrumentos musicos, musicas, etc.

Alugueis e vendas a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente das Companhias
de Seguros

Comercio e Industria

Economia — Garantia —

— Seriedade —

CAPAS E BATINAS

Fatos e sobretudos para inverno

Novidades sensacionais

Quereis moda e economia?

Íde comprar ao único estabelecimento de mercador
que existe em COIMBRA, de

AUGUSTO DA SILVA FONSECA

Praça 8 de Maio, 43 — Rua da Sofia, 2 a 8

Machinas SINGER para coser

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

ESTABELECEMENTOS

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 12

GUARDA — Rua Alves Roçadas

COVILHÃ — Praça 5 d'outubro, 17 a 19

CASTELO BRANCO — Rua Pina, 32

LEIRIA — Praça Rodrigues Lobo, 43 a 44

FIGUEIRA DA FOZ — Praça da Republica, 8

SOURE — Rua do Relogio

LOUZÃ — Rua do Comercio

OS MAIS LINDOS POSTAIS VENDEM-SE NA

Tabacaria e Papelaria

CRESPO

Grande variedade em tabacos nacionais e estrangeiros
Bilhetes de visita

Revistas e jornais nacionais e estrangeiros
Artigos para pintura, desenho e escritório

Telefone, 275 * 27, R. Ferreira Borges, 29 * COIMBRA

ALFAIATARIA * *
* Guimarães & Lobo
54, Rua Ferreira Borges, 50
COIMBRA

Casimiras nacionais e estrangeiras,
luvas, gravatas, piugas e ou-
tros artigos para homem.
Modicidade de preços

Abilio Lagoas
COIMBRA

32, Praça do Comercio, 33

Escritório de comissões

e consignações

Correspondente de Companhias
de Navegação

Vende passagens em todas as classes
para todos os pontos do Globo.

A Revolta

Assinaturas

Continente, ilhas e ultramar, trimestre..... \$35

Estrangeiro..... \$70

Pagamento adiantado

Numero avulso..... \$02

Anúncios

Preços convencionais. Anunciam-se todas as publicações de que se receber um exemplar.

FRANÇA & ARMENIO

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — Arco d'Almedina, 2 a 4

COIMBRA

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionais como estrangeiros.
Compendios adoptados na Universidade, nos Liceus, Seminarios, Escolas
Agrícolas, Normais e Primarias.

Tipografia Literária

Rua Candido dos Reis, n.º 17, 19 e 21 — COIMBRA

Esta tipografia que
possue os mais mo-
dernos maquinismos,
movidos a vapor, está
pronta a executar to-
dos os trabalhos grá-
ficos, primando pela
perfeita impressão em
gravura e a cores

Trabalhos tipográficos
em todos os géneros

Impressão de revistas,
jornais, lições, cartões de
visita, envelopes, recibos,
facturas, diplomas, papel
timbrado, etc.

EXECUÇÃO RAPIDA